Antoine de Saint-Exupéry



O Pequeno Príncipe

COM AQUARELAS DO AUTOR

Tradução de
MARIO QUINTANA

MELHORAMENTOS

Antoine de Saint-Exupéry

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor

Tradução de
MARIO QUINTANA

MELHORAMENTOS

SUMÁRIO

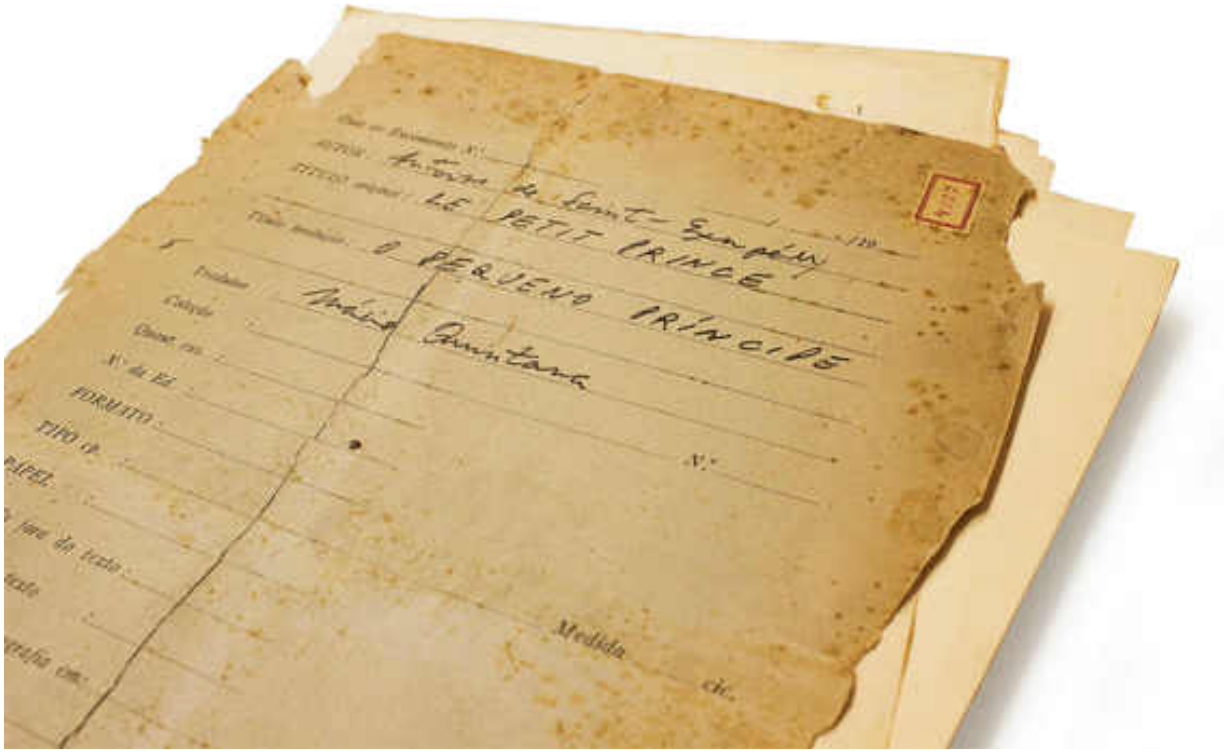
O Pequeno Príncipe, uma nova tradução
Da gaveta às livrarias: a trajetória da tradução do poeta

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saint-Exupéry, o autor
Os poentes multiplicados de um menino feliz
Mergulhando nos originais da tradução
Mario Quintana, o tradutor

O PEQUENO PRÍNCIPE, UMA NOVA TRADUÇÃO

Da gaveta às livrarias: a trajetória da tradução do poeta



EM MEADOS DA DÉCADA DE 1980, ao organizarmos o acervo histórico da Editora Melhoramentos, encontramos uma pasta muito antiga, contendo um texto datilografado. Na capa desta pasta estava escrito à mão: *O Pequeno Príncipe*, tradução de Mario Quintana. Seria possível?

Provavelmente, a pasta com a tradução nos foi entregue por Quintana no final da década de 1940, porém não há um registro e como o direito de publicação do Pequeno Príncipe em português ficou com a Editora Agir, deixamos o precioso original guardado a sete chaves.

Quando a obra de Exupéry entrou em domínio público, em janeiro de 2015, retomamos o projeto e entramos em contato com a Fundação Mario Quintana. A surpresa e a alegria pela descoberta deste precioso original contagiaram todos os envolvidos. A herdeira Elena Quintana comprovou a autoria da tradução: era, sem dúvida, um texto de seu tio-avô!

Chegado o momento, nos debruçamos sobre o texto. Com a ajuda de uma lupa e da mesa de luz, descobrimos erros de datilografia, corrigidos depois com precisão. Por exemplo: “boabá” foi corrigido manualmente por Mario Quintana para “baobá”.

XI

O segundo planeta era habitado por um homem importante.

- Ah! Ah! Estou para receber visita de um admirador! - exclamou êle de longe, logo que viu o pequeno príncipe aproximar-se.

Pois, para o homem importante, todos os outros homens são admiradores.

- Bom-dia - disse o pequeno príncipe. - Mas que chapéu engraçado o senhor tem!

- É um chapéu para agradecimentos - replicou o homem importante. - É para ser erguido quando me aclamam. Infelizmente ninguém passa por aqui.

- Ah, sim? - retrucou o pequeno príncipe que não sabia de quê o homem importante estava falando.

- Bata as mãos, uma contra a outra - ensinou-lhe o homem importante.

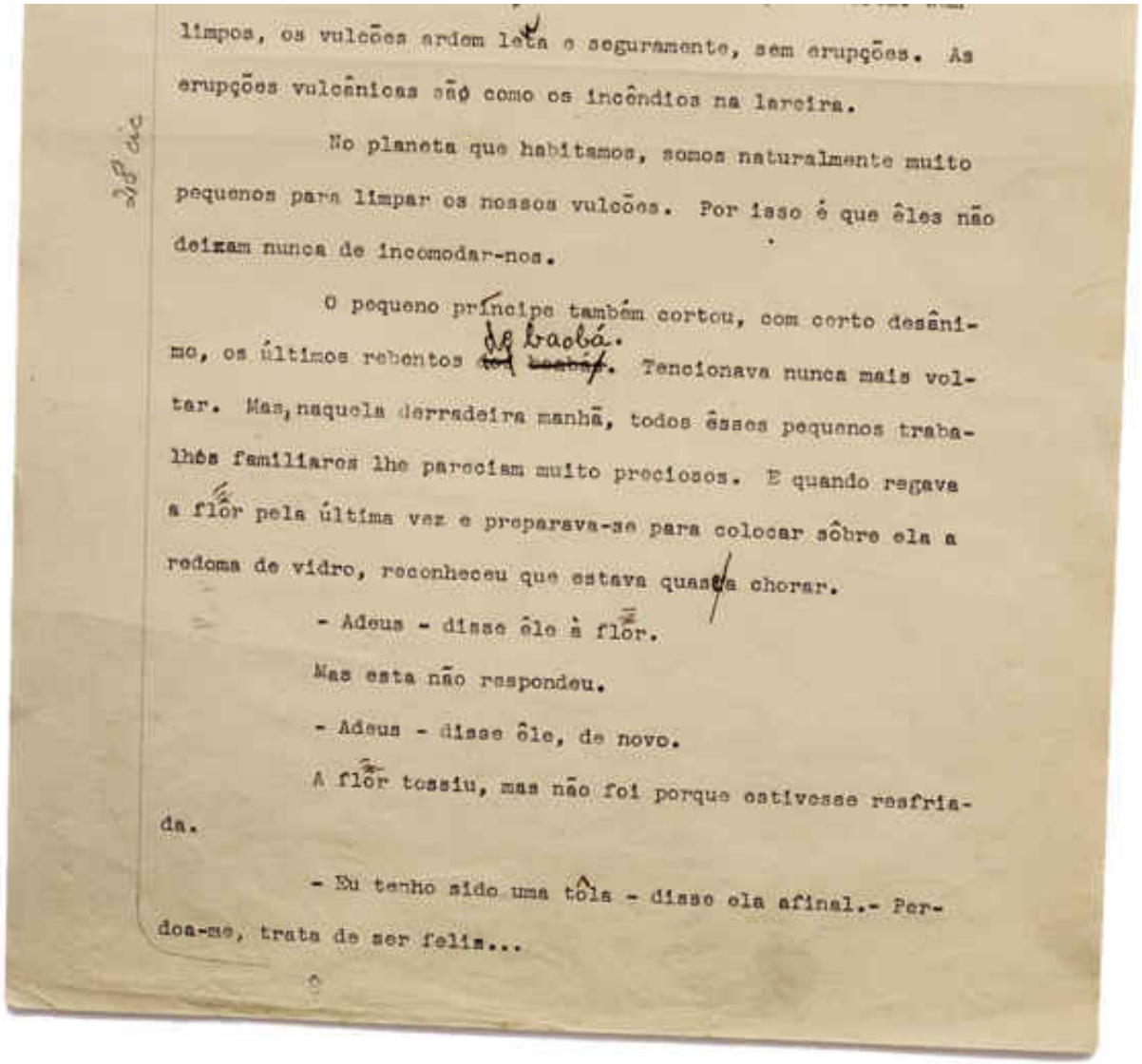
O pequeno príncipe bateu as mãos, da forma indicada. O homem importante ergueu o chapéu, em modesta saudação.

- Isto é mais divertido do que a visita ao rei - disse o pequeno príncipe com os seus botões. E começou de novo a bater palmas. O homem importante ergueu novamente o chapéu.

Depois de cinco minutos dêsse exercício, o pequeno príncipe começou a ficar cansado com a monotonia do brinquedo.

- E como se deve fazer para o chapéu cair? - perguntou êle.

Mas o homem importante não ouviu. Gente importante só ou-



limpos, os vulcões ardem leta e seguramente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como os incêndios na lareira.

No planeta que habitamos, somos naturalmente muito pequenos para limpar os nossos vulcões. Por isso é que êles não deixam nunca de incomodar-nos.

O pequeno príncipe também cortou, com certo desânimo, os últimos rebentos de baobá. Tencionava nunca mais voltar. Mas, naquela derradeira manhã, todos êsses pequenos trabalhos familiares lhe pareciam muito preciosos. E quando regava a flôr pela última vez e preparava-se para colocar sôbre ela a redoma de vidro, reconheceu que estava quase a chorar.

- Adeus - disse êle à flôr.

Mas esta não respondeu.

- Adeus - disse êle, de novo.

A flôr tossiu, mas não foi porque estivesse resfriada.

- Eu tenho sido uma tôla - disse ela afinal.- Perdoa-me, trata de ser feliz...

Várias editoras publicaram o texto com novas traduções e edições de todos os formatos possíveis. Naquele momento não teríamos o destaque merecido na tradução do ilustre poeta.

Mario Quintana fez uma revisão completa de seu texto, uma vez que encontramos várias anotações manuais no decorrer das páginas: erros de datilografia e frases reescritas. Trocou, também, algumas palavras por outras que julgou mais adequadas, como homem presunçoso por homem importante.

Ao final do livro, o crítico e ensaísta Armindo Trevisan faz

considerações sobre a obra de Saint-Exupéry e a tradução de Mario Quintana, e o escritor Márcio Vassalo faz um breve relato da vida e obra do poeta.

Esta edição digital traz ainda algumas páginas da tradução datilografada e corrigida à mão por Quintana. Sabemos que cada leitor fará suas reflexões, buscará em outras traduções suas frases preferidas e chegará a suas conclusões sobre essa obra que nos encanta até hoje. E, a partir de agora, será a tradução brilhante de Mario Quintana que nos encantará.

Entregamos a você, leitor, para sua diversão e reflexão, *O Pequeno Príncipe* recriado por Mario Quintana.

Editora Melhoramentos

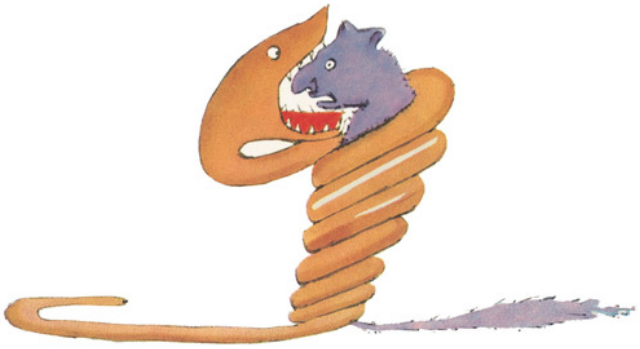


PARA LÉON WERTH

Às crianças que lerem este livro, peço que me desculpem por havê-lo dedicado a uma pessoa grande. Tenho uma séria razão para isso: essa pessoa é o melhor amigo que eu possuo no mundo. Tenho uma outra razão: essa pessoa compreende tudo, até os livros de criança. E tenho uma terceira razão: esse meu amigo vive na França, onde agora está passando fome e frio. Necessita consolo. E se ainda não bastarem todas estas razões, eu dedicarei o livro ao menino do qual saiu esse meu amigo. Pois toda gente grande foi já uma vez criança – embora poucos se lembrem de tal coisa. Assim, corrijo a minha dedicatória:

PARA LÉON WERTH,
QUANDO ELE ERA CRIANÇA

UMA VEZ, QUANDO EU TINHA SEIS ANOS, vi uma esplêndida estampa em um livro intitulado *Verdadeiras Histórias da Natureza*, acerca da floresta primitiva. Representava uma *Boa constrictor*[1] no momento em que engolia um animal. Eis aqui uma reprodução da gravura.



No livro estava escrito: "A boa engole a sua presa inteira, sem mastigá-la. Depois disso, fica incapaz de mover-se e dorme durante os seis meses que necessita para fazer a digestão".

Pus-me a refletir profundamente, então, sobre as aventuras da mata virgem. E com um lápis de cor consegui, depois de algum trabalho, fazer o meu primeiro desenho. O meu Desenho Número Um. Parecia-se com este:

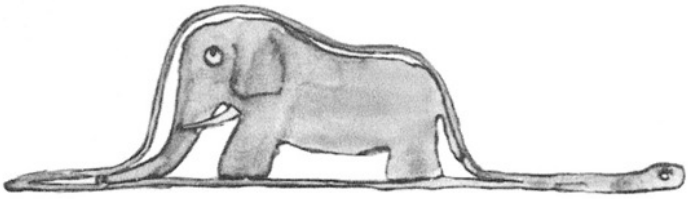




Mostrei a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o desenho não as assustava.

Mas responderam: “Assustar? Por que iria a gente assustar-se com um chapéu?”.

O meu desenho não era nenhum chapéu. Era o desenho de uma boa digerindo um elefante. Mas como os grandes não podiam compreendê-lo, eu fiz um outro desenho: desenhei o interior da boa, de modo que eles pudessem vê-lo claramente. Os grandes sempre precisam que a gente lhes explique as coisas. O meu Desenho Número Dois parecia-se com este:



A resposta dos grandes, dessa vez, foi aconselharem-me que pusesse de parte os meus desenhos de cobra, tanto pelo lado de dentro como pelo lado de fora, e que, em vez disso, me dedicasse à geografia, à história, à aritmética e à gramática. E foi assim que, na idade de seis anos, abandonei o que poderia ter sido uma esplêndida carreira de pintor. Senti-me desacorçoado pelo insucesso do meu Desenho Número Um e do meu Desenho Número Dois. Os grandes nunca

compreendem nada por si mesmos, e é cansativo para as crianças estarem sempre e sempre a lhes explicar as coisas.

De modo que eu escolhi uma outra profissão e aprendi a ser piloto aéreo. Tenho voado um bocado sobre todas as partes do mundo; e é verdade que a geografia me tem sido muito útil. Ao primeiro olhar, posso distinguir a China do Arizona. E se a gente se perde de noite, tal conhecimento é precioso.

No decurso da vida, tenho tido muitos encontros com muita gente grande, e a respeito de assuntos da maior importância. Muito tenho vivido entre eles. Tenho-os visto intimamente, cara a cara. E não melhorou muito a minha opinião a seu respeito.

Quando encontrava alguém que me parecesse esclarecido, experimentava mostrar-lhe o meu Desenho Número Um, que sempre trago comigo. Procurava, assim, saber se se tratava mesmo de uma pessoa de entendimento. Mas, quem quer que fosse, ele, ou ela, sempre dizia:

– É um chapéu.

Em vista disso, eu nunca falava com a referida pessoa acerca de *Boa constrictor*, ou florestas virgens, ou estrelas. Descia, então, ao seu nível. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E o outro sempre ficava contentíssimo por haver encontrado um homem tão sensível.



[1] A *Boa constrictor*, ou simplesmente jiboia, é uma serpente que pode alcançar de 2 a 4 metros quando adulta. Mario Quintana usou o nome *boa* em toda a tradução, e assim mantivemos.



ASSIM VIVIA EU SOZINHO, sem ninguém com quem pudesse realmente falar, até que tive um acidente com meu aeroplano no deserto do Saara, há seis anos. Quebrara-se qualquer coisa no meu aparelho. E, como não trazia comigo nem um mecânico, nem passageiro algum, dispus-me a fazer sozinho todos os difíceis reparos. Era uma questão de vida ou de morte: a água de que dispunha mal dava para uma semana.

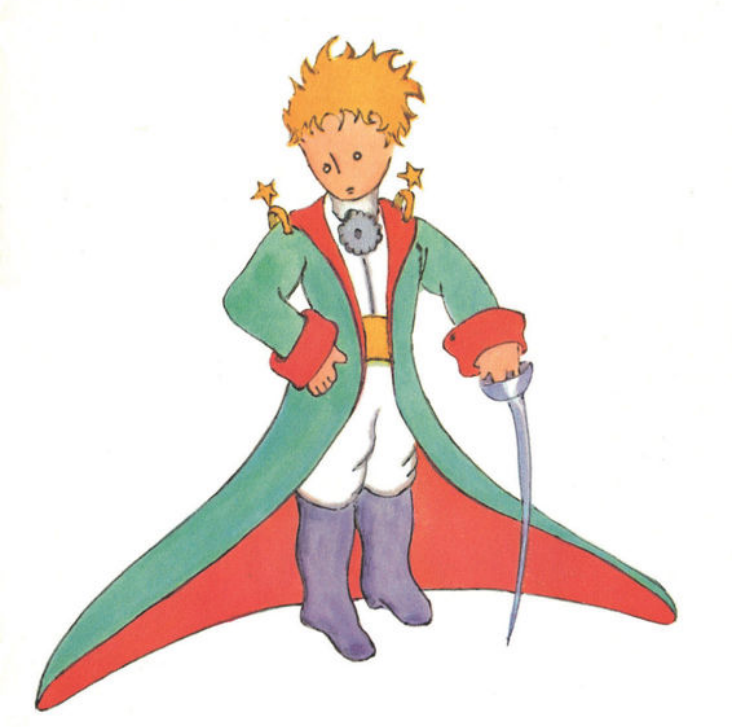
Na primeira noite, dormi sobre a areia, a mil léguas de qualquer habitação humana. Estava mais isolado do que um náufrago, sobre uma jangada, em pleno oceano. Assim, vocês bem podem imaginar a minha surpresa quando, ao nascer do Sol, fui despertado por uma engraçada vozinha, que dizia:

– Faça o favor, desenhe-me um cordeirinho!

– Como!?

– Desenhe-me um cordeirinho!

Levantei-me de um salto, completamente zonzo. Piscava de puro assombro. Olhei cuidadosamente em torno. E foi então que vi uma extraordinária pessoinha, que estava ali a examinar-me, com a maior curiosidade deste mundo. Aqui vocês podem ver o seu melhor retrato, tal como consegui desenhá-lo, ultimamente... Mas o meu desenho é sem dúvida muito menos bonito do que o modelo.



Mas a culpa não é minha. Os grandes me desanimaram em minha carreira de pintor quando eu tinha seis anos, e eu nunca aprendi a desenhar coisa alguma, a não ser boas pelo lado de fora e boas pelo lado de dentro.

Fiquei a olhar para aquela súbita aparição, com os olhos quase a saltar de espanto. Lembrem-se que eu caíra no deserto, a mil léguas de qualquer região povoada. E, no entretanto, o meu homenzinho não parecia andar vagando pelas areias. Nem tampouco parecia a ponto de desmaiar de cansaço, ou de sede, ou de fome, ou mesmo de medo. Nada, nele, dava a impressão de uma criança perdida no meio do deserto, a mil léguas de qualquer habitação humana. Quando finalmente fui capaz de falar, eu lhe disse:

– Mas... que estás fazendo aqui?

E por toda resposta, ele repetiu, pausadamente, como se se tratasse de um assunto da máxima gravidade:

– Faça o favor... desenhe-me um cordeirinho...

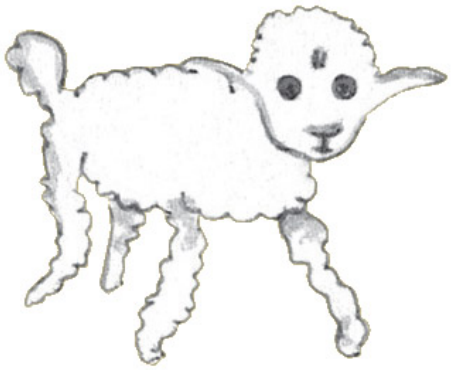
Quando um mistério é demasiado obscuro, não se deve desafiá-lo. Por mais absurdo que me parecesse aquilo, o fato é que eu, a mil léguas de qualquer habitação humana e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e a minha caneta-tinteiro. Mas nisto considerei que os meus estudos se haviam limitado a geografia, história, aritmética e gramática. E confessei ao meu pequeno companheiro (com um pouco de mau humor, aliás) que não sabia desenhar. Ele respondeu-me:

– Não importa. Desenhe-me um cordeirinho...

Mas eu nunca havia desenhado um cordeirinho. Assim, desenhei para ele uma das duas coisas que eu tantas vezes rabiscara. Era a boa pelo lado de fora. E fiquei atônito ao ouvir o meu camaradinha exclamar:

– Não, não, não! Eu não quero um elefante dentro de uma *Boa constrictor*. Uma boa é muito perigosa, e um elefante é muito incômodo. Lá onde eu vivo, tudo é muito pequeno. Preciso é de um cordeirinho. Desenhe-me um cordeirinho.

Fiz então um desenho.



Ele examinou-o cuidadosamente e depois disse:

– Não. Este cordeiro já está pesteado.[2] Faça-me um outro.

Fiz, pois, mais um desenho.



Meu amigo sorriu com amável indulgência.

– Verifique o senhor mesmo – disse ele. – Bem vê que não é um cordeiro. É um carneiro. Tem chifres.

E assim fiz mais uma vez o meu desenho.



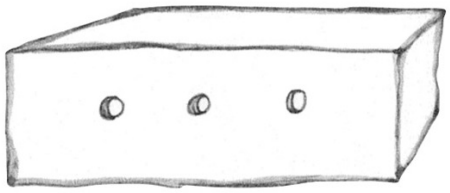


Mas foi rejeitado, como os outros.

– Este é muito velho. Eu quero um cordeiro que ainda possa viver por muito tempo.

Mas, a esta altura, a minha paciência já estava esgotada, pois eu tinha pressa de ir atender ao meu aparelho.[3]

Desenhei então uma caixa e dei-lhe a seguinte explicação:



– Isso é apenas a caixa dele. O cordeiro que o amiguinho encomendou está aí dentro.

Fiquei muito surpreso ao ver iluminar-se de alegria o rosto de meu pequeno juiz:

– Assim mesmo é que eu queria! Acha que este cordeirinho comerá muito capim?

– Por quê?

– Porque lá onde eu moro tudo é muito pequeno...

– Mas com certeza deve haver bastante pasto para ele – assegurei. –

O cordeirinho que eu te arranjei é muito pequeno.

Ele inclinou-se sobre o desenho:

– Não tanto assim... Olhe! Ele foi dormir...

E foi assim que eu travei relações com o pequeno príncipe.



[2] Pesteado: doente.

[3] "ir atender ao meu aparelho": ir consertar o meu avião.



LEVEI MUITO TEMPO para descobrir de onde ele tinha vindo. O pequeno príncipe, que me fazia tantas perguntas, nunca parecia ouvir as que eu lhe dirigia. Foi pouco a pouco que afinal vim a saber de tudo, pelas palavras que ele deixava escapar, ao acaso.

Da primeira vez em que viu o meu avião (não desenharei o meu avião; seria muito complicado para mim), ele perguntou-me:

– Que objeto é aquele?

– Não é um objeto. Aquilo voa. É um avião. É o meu avião.

Sentia-me orgulhoso de lhe revelar que eu podia voar.

Ele exclamou, então:

– Como! Você caiu do céu?

– Sim – respondi, modestamente.

– Oh! Que engraçado!

E o pequeno príncipe rebentou numa gostosa gargalhada, que me irritou bastante. Eu gosto que as minhas desgraças sejam tomadas a sério.

Depois, ele acrescentou:

– Com que, então você também caiu do céu! Qual é o seu planeta?

Naquele momento, colhi o primeiro vislumbre do impenetrável mistério da sua presença. E perguntei-lhe, de surpresa:

– Vieste, então, de um outro planeta?

Mas ele não replicou. Abanava graciosamente a cabeça, sem tirar os olhos do meu aeroplano:

– É verdade que naquilo você não poderia ter vindo de muito longe.

E pôs-se a cismar,[4] por muito tempo. Depois, tirando o meu cordeirinho do bolso, perdeu-se na contemplação do seu tesouro.



Imaginem vocês como não fiquei curioso com essa meia confidência acerca dos "outros planetas". Fiz, assim, um grande esforço para tirar mais luz de tal mistério.

– De onde vens, meu pequenino? Onde é tua casa? Para onde queres levar meu cordeiro?[5]

Depois de um pensativo silêncio, ele respondeu:

– O que há de bom na caixa que você me deu é que ele pode, à noite, utilizá-la como casa.

– Assim é. E, se fores bonzinho, eu te conseguirei uma corda também, para que o ates durante o dia; e um poste para amarrares a corda.

Mas o pequeno príncipe pareceu chocado com tal oferta:

– Atá-lo! Que ideia mais esquisita!

– Mas se não o atares – disse eu –, ele sairá a vagabundear por aí e há de perder-se na certa.

O meu amigo estourou noutra gargalhada:

– Mas onde pensa que ele poderia ir?

– A qualquer parte. Seguindo direito para a frente...

Então o pequeno príncipe disse gravemente:

– Isso não quer dizer nada. Lá onde eu vivo, tudo é tão pequeno!

E, talvez com uma ponta de melancolia, acrescentou:

– Direito para a frente, ninguém pode ir muito longe...



[4] Cismar: ficar absorto em pensamentos, remoer, ruminar.

[5] Um salto na tradução de Quintana que a revisão da época não percebeu.

IV

EU TINHA, ASSIM, DESCOBERTO um segundo fato da maior importância: o planeta de que viera o pequeno príncipe era pouco maior que uma casa!

Mas isso na verdade não me surpreendeu muito. Eu sabia muito bem que, além dos grandes planetas – como a Terra, Júpiter, Marte, Vênus –, há centenas de outros, alguns dos quais são tão pequenos que é difícil vê-los até mesmo pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, não se dá ao trabalho de lhe dar um nome, apenas o numera. Pode chamá-lo, por exemplo, "Asteroide 3251".

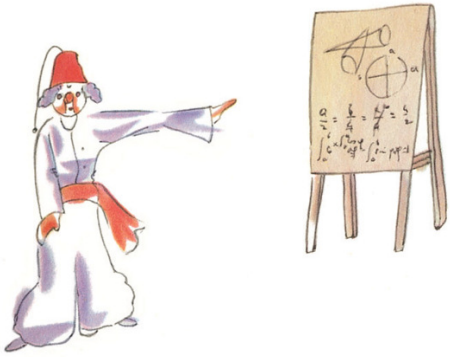
Tenho sérias razões para acreditar que o planeta de que veio o pequeno príncipe é o asteroide conhecido por B-612.

Esse asteroide foi visto somente uma vez, ao telescópio, e por um astrônomo turco. Isso aconteceu no ano de 1909.

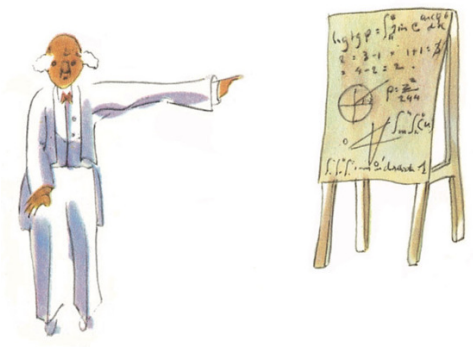


Logo que fez a sua descoberta, o astrônomo comunicou-a ao Congresso Astronômico Internacional, numa notável conferência. Mas estava vestido à moda turca, de forma que ninguém acreditou no que ele dizia.

Gente grande é assim...



Mas, felizmente, para a reputação do Asteroide B-612, apareceu um dia um ditador turco que baixou uma lei obrigando todos os seus súditos, sob pena de morte, a se vestir à moda europeia. E, assim, em 1920, o nosso astrônomo fez de novo a sua conferência, vestido com grande linha e elegância. E dessa vez todos acreditaram nele.



Se forneci os dados precedentes a respeito do asteroide e comuniquei o seu número, foi simplesmente em atenção à gente grande e ao seu modo de ser. Os grandes gostam de algarismos.

Quando você lhes diz que arranjou um novo amiguinho, eles nunca fazem perguntas sobre coisas essenciais. Nunca indagam: “Como é a voz dele? Quais são os brinquedos de que ele mais gosta? Ele não coleciona borboletas?”. Em vez disso, perguntam: “Que idade tem ele? Quantos irmãos tem? Quanto pesa? Qual é a fortuna do pai?”. Somente por tais algarismos é que podem ficar sabendo alguma coisa a respeito dele.

Se você disser aos grandes “Eu vi uma linda casa, toda de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombas no telhado”, eles serão incapazes de fazer a mínima ideia da referida casa. Você deve dizer-lhes: “Eu vi uma casa que custa $ 400.000,00”. Eles então exclamarão: “Oh! Que linda casa!”.

Assim, você pode dizer-lhes: “A prova de que o príncipe existia de verdade é que ele era muito bonito, ria e andava procurando um cordeirinho. Se alguém quer um cordeiro, isso é uma prova de que esse alguém existe”. Mas de que serviria dizer-lhes isso? Eles dariam de ombros e tratariam você como a uma criança. Mas se você lhes disser: “O planeta de que ele veio é o Asteroide B-612”, então eles ficarão convencidos e você se verá livre das suas perguntas.

Eles são assim. Não se deve contrariá-los. As crianças devem sempre mostrar muita indulgência para com a gente grande.

Mas, na verdade, para compreendermos a vida, os algarismos não têm a mínima importância. Eu gostaria de ter começado esta história à maneira dos contos de fadas. Gostaria de ter dito: “Era uma vez um pequeno príncipe que vivia num planeta um pouco maior do que ele próprio e que precisava de um cordeirinho...”.

Para aqueles que compreendem a vida, isso teria dado um ar muito mais verdadeiro à minha história.

Pois eu não quero que ninguém leia o meu livro despreocupadamente. Muito e muito sofri ao escrever estas memórias. Seis anos são passados que o meu amigo se separou de mim, com o seu cordeirinho. E se tento descrevê-lo aqui é para ficar seguro de que não o esquecerei. Esquecer um amigo é coisa triste. Nem toda gente teve um amigo. E se eu o esqueço, posso tornar-me como essa gente grande, que só se interessa por algarismos...

Foi com essa intenção que comprei uma caixa de aquarelas e alguns lápis. É difícil desenhar na minha idade, para quem nunca fez desenhos, a não ser aquele da boa pelo lado de fora e o da boa pelo lado de dentro, quando eu tinha seis anos. Tentarei fazer os meus retratos o mais parecidos que for possível. Mas não tenho certeza de sucesso. Um desenho sai direitinho, mas já outro não se parece com o modelo. Cometi alguns erros, também, quanto à altura do príncipe: nalguns lugares ele está muito alto e noutros está muito baixo. Tenho também algumas dúvidas quanto à cor do seu vestuário. Assim, vou tentando o melhor que posso, agora bem, agora mal, e espero alcançar um razoável meio-termo.

Em certos detalhes mais importantes também devo ter errado. Mas a culpa não é inteiramente minha. O meu amigo nunca me explicava coisa alguma. O príncipe julgava, talvez, que eu era como ele. Mas eu, ai de mim, não sei ver cordeirinhos no interior de caixas fechadas. Talvez eu seja um pouco como a gente grande. Pois tive de crescer.



DURANTE AS NOSSAS CONVERSAS, cada dia que passava eu ficava sabendo alguma coisa mais sobre o Asteroide B-612, a partida do príncipe e as peripécias da sua viagem. As informações chegavam espaçadamente e sem ordem, conforme lhe vinham à lembrança. Foi assim que eu soube, no terceiro dia, da catástrofe dos baobás.

Desta vez, ainda, é ao cordeirinho que devo agradecer. Pois o pequeno príncipe me perguntou de repente, como que assaltado de uma grave dúvida:

– É verdade que o cordeirinho come pequenos arbustos?

– Sim, é verdade.

– Ah! Que bom!

Eu não atinava como podia ser tão importante que o cordeirinho comesse pequenos arbustos. Mas o príncipe acrescentou:

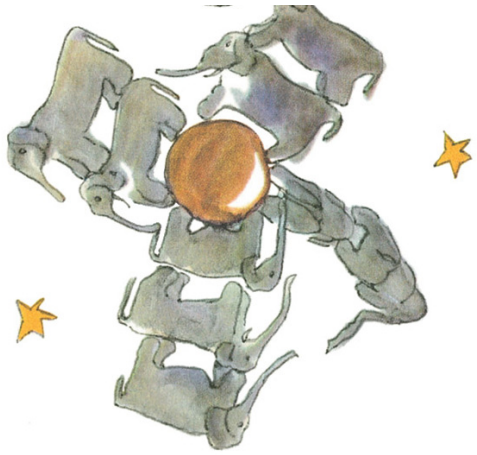
– Quer dizer então que ele também come baobás?

Observei ao príncipe que baobás não eram pequenos arbustos, mas, pelo contrário, árvores grandes como castelos; e mesmo que ele levasse um bando inteiro de elefantes, nem todo o bando comeria um único baobá.

A ideia do bando de elefantes fez o pequeno príncipe rir.

– Teríamos de colocá-los uns em cima dos outros – disse ele.





Mas fez uma sábia observação:

– Antes de se tornarem tão grandes, os baobás começam por ser pequenos.

– É a pura verdade – disse eu. – Mas por que queres que o cordeirinho coma os pequenos baobás?

Ele foi logo dizendo “Ora! Ora!”, como se eu estivesse a falar de uma coisa evidente por si mesma. E fui obrigado a fazer um grande esforço mental para resolver esse problema, sem auxílio de ninguém.

Como vim a compreender, havia no pequeno planeta do príncipe – como em todos os planetas – boas e más plantas. Por conseguinte, havia boas sementes de boas plantas e más sementes de más plantas. Mas as sementes, a gente não as pode ver. Dormem profundamente na escuridão do interior da terra, até que alguma dentre elas sente desejos de acordar. Então a pequenina semente espreguiça-se, estira-se e começa – timidamente a princípio – a alongar um encantador brotinho, inofensivamente erguido para o Sol. Se trata-se apenas do broto de um rabanete ou de uma roseira, pode-se deixar que ele cresça

onde bem quiser. Mas, quando é uma planta daninha, devemos destruí-la o mais cedo possível, no mesmo instante em que a reconhecermos.

E eis que havia algumas terríveis sementes no planeta em que morava o pequeno príncipe; e estas eram as sementes do baobá. O solo daquele planeta estava infestado delas. O baobá é uma coisa de que nunca mais a gente se pode livrar, se não o faz enquanto é tempo. Alastra-se sobre um planeta inteiro. Atravessa-o com as suas raízes. E se o planeta é muito pequeno e os baobás são muitos, eles podem arrebentá-lo em mil pedaços...

– É uma questão de disciplina – dizia-me o pequeno príncipe. – Logo que a gente faz a própria toalete de manhã, então é tempo de fazer também a do nosso planeta, com o maior cuidado. Deve-se arrancar regularmente todos os baobás, no momento exato em que podem ser distinguidos das roseiras, com que se parecem tanto na sua tenra idade. É um trabalho bastante aborrecido – acrescentou o pequeno príncipe –, mas muito fácil.



E uma vez que ele me disse: “Você deve fazer um lindo desenho, para que as crianças de seu planeta possam ver exatamente como é a coisa. “Algumas vezes”, acrescentou, “não há perigo em deixar o trabalho para outro dia. Mas, quando se trata de baobás, isso significa sempre uma catástrofe. Eu sei de um planeta que era habitado por um sujeito preguiçoso. Ele não deu importância a três plantinhas...”.

De acordo com a descrição do pequeno príncipe, eu fiz um desenho do tal planeta. Não gosto de assumir atitudes de moralista. Mas é tão pouco conhecido o perigo dos baobás e são tão grandes os riscos que corre a pessoa que acaso se perder nalgum asteroide que desta vez resolvo sair da minha reserva. “Crianças”, aviso eu agora, “cuidado com os baobás!”.



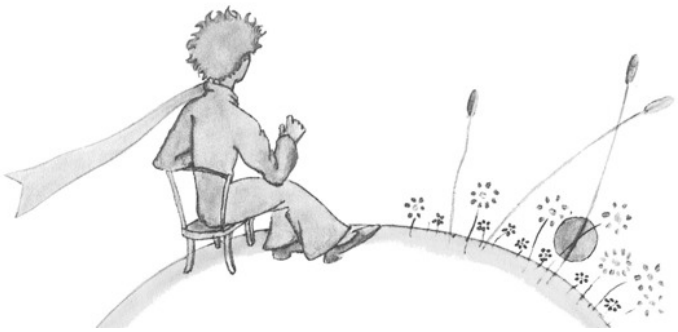
Meus amigos, como eu próprio, já estivemos por muito tempo a acotovelar tal perigo, sem o sabermos. E foi por eles que trabalhei tanto neste desenho. A lição que lhes dou agora bem vale o trabalho que me custou.

Talvez vocês me perguntem: “Por que não há outros desenhos neste livro tão bons e sugestivos como esse dos baobás?”.

A resposta é simples. Bem que o tentei. Mas, com os outros desenhos, não fui bem-sucedido. Quando fiz o desenho do baobá, eu era erguido acima de mim mesmo pela inspiradora força da urgente necessidade.



VI



Ó MEU PRINCIPEZINHO! Pouco a pouco fui conhecendo os segredos da tua triste vidinha... Por muito tempo, a tua única distração foi o calmo prazer de contemplar o crepúsculo. Soube esse novo detalhe na manhã do quarto dia, quando tu me disseste:

– Eu gosto muito de crepúsculos. Venha, vamos ver um crepúsculo agora.

– Mas temos de esperar – disse eu.

– Esperar? Esperar o quê?

– O crepúsculo. Devemos esperar até que seja tempo.

No primeiro instante, pareceste muito espantado. Depois sorriste para ti mesmo. E disseste:

– Sempre me parece que estou em casa!

Assim é. Todos sabem que quando é meio-dia nos Estados Unidos, o Sol se está deitando na França. Se se pudesse voar para a França em um minuto, podia-se ver um pôr de Sol logo depois da meia-noite. Infelizmente, a França fica demasiado longe para isso. Mas no teu

pequeno planeta, meu pequeno príncipe, tu apenas necessitas mover um pouco a cadeira. Podes ver o dia terminar e o crepúsculo cair quando quiseres...

– Um dia – tu me disseste – eu vi o crepúsculo quarenta e quatro vezes!

E um pouco mais tarde acrescentaste:

– Você sabe... a gente gosta do crepúsculo quando está triste...

– Estavas muito triste, então – perguntei –, no dia dos quarenta e quatro crepúsculos?

Mas o pequeno príncipe não respondeu.





NO QUINTO DIA – de novo, como sempre, tudo devo ao cordeirinho – foi-me revelado o segredo da vida do pequeno príncipe. De repente, sem nada que o levasse a isso, e como se a pergunta tivesse brotado de uma longa e silenciosa meditação sobre o seu problema, ele perguntou:

– Um cordeiro... se come pequenos arbustos, também pode comer flores, não?

– Um cordeiro – respondi – come tudo o que encontra a seu alcance.

– Até as flores que têm espinhos?

– Até as flores que têm espinhos.

– E então para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Naquele momento estava muito ocupado com um parafuso que trancara[6] no meu motor. Estava muito aflito, pois compreendera que o desarranjo do meu aparelho era extremamente grave. E restava-me tão pouca água que eu temia o pior.

– Para que servem os espinhos?

O pequeno príncipe nunca desistia de uma pergunta. Eu estava às voltas com o maldito parafuso. E respondi a primeira coisa que me veio a cabeça.

– Os espinhos não servem para nada. As flores têm espinhos por birra!

– Oh!

Houve um momento de completo silêncio. Depois o pequeno príncipe voltou-se de súbito para mim, com um ar ressentido.

– Não acredito! As flores são criaturas débeis.[7] São ingênuas. Garantem-se o melhor que podem. E acreditam que os seus espinhos são terríveis ferrões...

Não respondi. Naquele instante, eu estava dizendo para os meus botões: "Se esse parafuso teima em não torcer, eu meto-lhe o martelo". De novo o príncipe interrompeu os meus pensamentos:

– E você realmente acredita que as flores...

– Oh, não! – exclamei. – Não, não e não! Respondi a primeira coisa que me veio à cabeça. Não vês que eu estou muito ocupado com coisas de importância?

Ele fitou-me, pasmado.

– Coisas de importância!

E o pequeno príncipe olhava para mim, tal como eu ali me achava, com o martelo na mão, os dedos negros de graxa, inclinado sobre um objeto que lhe parecia extremamente feio...

– Você fala exatamente como gente grande.

Tais palavras me envergonharam um pouco, mas ele continuou, implacavelmente:

– Você mistura tudo... Confunde tudo...

O príncipe estava realmente muito zangado. Sacudiu os anéis dourados de seus cabelos.

– Conheço um planeta onde há um senhor de cara vermelha. Ele nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou

ninguém. Nunca fez mais nada em sua vida, a não ser somar, somar, somar... E todo o dia ele repete, exatamente como você: “Eu estava muito ocupado com coisas de importância!”. E fica todo inchado de orgulho. Mas ele não é um homem... é um cogumelo.

– O quê?

– Um cogumelo!

O pequeno príncipe estava agora branco de cólera:

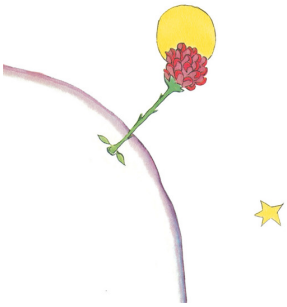
– Por milhões de anos as flores têm criado espinhos. Por milhões de anos os cordeiros têm comido flores, da mesma forma. E não tem importância, então, saber por que motivo as flores passam tanto trabalho para criar espinhos, e espinhos que não servem para coisa alguma? Pois isso não é mais importante do que as somas de um senhor de cara vermelha? E se eu conheço – eu, aqui! – uma flor que é única no Universo, que não cresce em mais nenhuma parte a não ser no meu planeta, mas que um cordeirinho pode destruir numa só dentada, qualquer manhã, sem ao menos saber o que está fazendo... Oh! E você ainda pensa que isto não tem importância!

Sua face passou do branco para o vermelho, e ele continuou:

– Se a gente ama uma flor da qual cresce apenas um simples botão por todos esses milhões e milhões de estrelas, basta que a gente olhe para o céu para sentir-se feliz. Pode-se dizer: “Nalguma parte, lá, está a minha flor...”. Mas se o cordeiro come a flor, em um momento todas as estrelas escurecerão... E você ainda pensa que isto não tem importância!

Ele não pôde dizer nada mais. Suas palavras foram interrompidas pelos soluços.

A noite havia descido. Eu deixara tombar meus instrumentos da mão. Que importância tinha agora o meu martelo, o meu parafuso, ou a sede, ou a morte? Em um astro, em um planeta, no meu planeta, a Terra, havia um pequeno príncipe para ser consolado. Tomei-o em meus braços, embalei-o. E disse-lhe:



– A flor que tu amas não está em perigo. Eu desenharei um abrigo para a tua flor. Eu...

Eu não sabia o que lhe dizer. Sentia-me grosseiro e desastrado. Não sabia como, nem por onde, chegar até a sua confiança.

É tão misterioso o país das lágrimas...

[6] Trancara: prendera.

[7] Débeis: frágeis.

VIII

LOGO FIQUEI CONHECENDO MELHOR aquela flor. No planeta do pequeno príncipe, as flores sempre haviam sido muito simples. Tinham somente um correr de pétalas; não tomavam lugar; não incomodavam ninguém. Certa manhã apareciam na relva e à noite calmamente emurcheciam. Mas um dia, de uma semente trazida não se sabe de onde, surgiu uma flor diferente. E o príncipe vigiava cuidadosamente aquele novo broto, que não se parecia com nenhuma das outras vegetações do seu planeta. Pudera! Bem podia ser uma nova espécie de baobá!

Mas o caule logo parou de crescer e começou a preparar-se para produzir uma flor. O pequeno príncipe, que estava presente quando começou a formar-se um pesado botão, sentiu logo que uma aparição miraculosa deveria surgir dali. Mas a flor, no abrigo do seu quarto verde, não parecia dar por findos os preparativos de beleza. Escolhia as cores com o maior cuidado, vestia-se lentamente. Ajeitava as pétalas uma por uma.





Não desejava sair para o mundo toda amarfanhada, como as papoulas do campo. Era somente no supremo esplendor da sua beleza que ela desejava aparecer. Oh, sim! Ela era uma faceira criatura! E os seus misteriosos atavios duraram dias e dias!

Até que um dia, exatamente ao nascer do Sol, ela se mostrou de súbito.

E, depois de fazer tudo isso com cuidadosa precisão, bocejou e disse:

– Ah! Acabo de acordar. Peço-lhe desculpa. As minhas pétalas ainda estão todas desarranjadas...

Mas o pequeno príncipe não pôde ocultar a sua admiração:

– Oh! Como tu és linda!

– Pois não sou? – respondeu a flor, suavemente. – E nasci ao mesmo tempo que o Sol.

O pequeno príncipe podia ver com toda a facilidade que ela não era

nada modesta. Mas que viva! Que perturbadora era ela!

– Penso que está na hora de tomar alguma coisa – disse a flor um instante mais tarde. – Se você quiser ter a bondade...

E o pequeno príncipe, completamente vexado,[8] foi buscar um regador com água fresca. E assim atendeu ao desejo da flor.



E assim começou ela a atormentá-lo com a sua vaidade, o que, para ser sincero, era um pouco difícil de suportar. Um dia, por exemplo, quando estava falando de seus quatro espinhos, disse ao pequeno príncipe:

– Que venham os tigres com as suas garras!

– Não há tigres no meu planeta – objetou o pequeno príncipe. – E, além disso, os tigres não comem plantas.

– Eu não sou uma simples planta – replicou a flor com doçura.

– Desculpe-me...



– E, depois, não tenho medo de tigres – continuou ela. – Mas tenho horror a golpes de vento. Suponho que você tenha aí um biombo para mim...

– Horror a golpes de vento... Que má sorte para uma flor! – observou o pequeno príncipe. E acrescentou consigo mesmo: – Essa flor é uma criatura muito complexa.

– À noite quero que você me ponha debaixo de uma redoma. Faz muito frio neste seu planeta. No lugar de onde eu vim...

Mas calou-se nesse ponto. Tinha vindo sob a forma de semente e não poderia lembrar-se coisa alguma de quaisquer outros mundos. Embaraçada por se haver deixado apanhar em tão ingênua mentira, ela tossiu duas ou três vezes, para deixar o pequeno príncipe mal colocado.

– E a redoma?[9]

– Pois eu ia justamente buscá-la quando você começou a falar...

Então ela forçou a tosse um pouco mais, para que assim mesmo ele ainda se considerasse culpado.



E o pequeno príncipe, apesar de todo o bem que a não podia deixar de trazer-lhe o seu amor, logo começou a duvidar dela. Tinha tomado a sério palavras que eram sem importância, e isso o tornara muito infeliz.

– Eu não devia ter lhe dado ouvidos – confessou-me ele um dia. – Nunca se deve escutar as flores. A gente deve simplesmente olhá-las e respirar o seu perfume. A minha perfumava todo o meu planeta. Mas eu não sabia apreciá-la em toda a sua graça. Essa história das garras, que tanto me aborreceu, devia apenas encher o meu coração de ternura e piedade.

E ele continuou as suas confidências:

– A verdade é que eu não sabia compreender coisa alguma. Devia levar em consideração os fatos e não apenas as palavras. Ela derramou o seu perfume e a sua irradiação sobre mim. Eu nunca devia ter fugido dela... Devia ter descoberto todo o afeto que havia por detrás dos seus pequenos estratagemas. As flores são tão sem consistência! Mas eu era demasiado jovem para saber amá-la...

[8] Vexado: envergonhado.

[9] Frase esquecida na tradução de Quintana.



CREIO QUE, PARA FUGIR, ele se aproveitara da migração de um bando de pássaros selvagens. Na manhã da partida, pôs em perfeita ordem o seu planeta. Limpou cuidadosamente os vulcões ativos. Ele possuía dois vulcões ativos, que eram muito convenientes para cozinhar o seu almoço. Tinha também um vulcão que estava extinto, mas, como ele dizia, “A gente nunca sabe!”. Assim, limpou também o vulcão extinto. Quando estão bem limpos, os vulcões ardem lenta e seguramente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como os incêndios na lareira.



No planeta que habitamos, somos naturalmente muito pequenos para limpar os nossos vulcões. Por isso é que eles não deixam nunca de incomodar-nos.

O pequeno príncipe também cortou, com certo desânimo, os últimos rebentos dos baobás. Tencionava nunca mais voltar. Mas, naquela derradeira manhã, todos esses pequenos trabalhos familiares lhe pareciam muito preciosos. E quando regava a flor pela última vez e preparava-se para colocar sobre ela a redoma de vidro, reconheceu que estava quase a chorar.



– Adeus – disse ele à flor.

Mas esta não respondeu.

– Adeus – disse ele, de novo.

A flor tossiu, mas não foi porque estivesse resfriada.

– Eu tenho sido uma tola – disse ela afinal. – Perdoa-me, trata de ser feliz...



Ele estava surpreendido com aquela ausência de queixas. E ali ficou, desnorteado, com a redoma suspensa no ar. Não compreendia aquela calma doçura.

– Naturalmente que eu te amo – lhe disse a flor. – Sou culpada de não teres descoberto isso. Não tem importância. Mas tu... tu foste tão doido como eu. Trata de ser feliz, larga essa redoma... Não a quero mais.

– Mas o vento...

– O meu resfriado não é tão forte assim... A fresca[10] da noite me fará bem. Eu sou uma flor.

– Mas os animais...

– Bem, eu terei de suportar a presença de duas ou três lagartas se quiser conhecer borboletas. Parece que são muito bonitas. E, a não ser as borboletas... e as lagartas... quem virá visitar-me? Tu estarás muito longe... Quanto aos animais grandes, absolutamente não me assustam. Eu tenho as minhas garras.

E, ingenuamente, mostrou os seus quatro espinhos. Depois acrescentou:

– Deixa de hesitações. Já resolveste ir. Vai agora!

Pois não queria que ele a visse chorar. Era uma flor muito altiva...[11]



[10] Fresca: brisa agradável.

[11] Altiva: orgulhosa.

ACHOU-SE NAS VIZINHANÇAS dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou, por conseguinte, a visitá-los, a fim de aumentar seus conhecimentos.

O primeiro deles era habitado por um rei. Envolto em seu manto real de púrpura e arminho, estava ele sentado em um trono que era ao mesmo tempo simples e majestoso.



– Ah! Eis aqui um súdito! – exclamou o rei ao ver chegar o pequeno príncipe.

E o pequeno príncipe indagou consigo: “Como pôde ele reconhecer-me, se nunca me viu antes?”.

Não sabia como o mundo fica simplificado para os reis. Para eles,

todos os homens são súditos.

– Aproxima-te, para que eu te veja melhor – disse o rei, muito satisfeito por estar afinal reinando sobre alguém.

O pequeno príncipe olhava por toda parte, para ver se achava um lugar onde sentar-se; mas todo o planeta estava atravancado pelo magnífico manto de arminho do rei. Assim, ficou ele de pé e, logo que se sentiu cansado, bocejou.

– É contrário à etiqueta bocejar em presença do rei – disse-lhe o monarca. – Proíbo-te que faças isso.

– Não está em mim. Não posso parar – replicou o pequeno príncipe, muito embaraçado. – Vim de uma longa viagem e ainda não dormi.

– Ah, então – disse o rei – eu ordeno-te que bocejes. Faz anos que não vejo ninguém bocejar. Os bocejos, para mim, são objeto de curiosidade. Anda! Boceja outra vez! É uma ordem.

– Isso me aflige... Agora não posso... – murmurou o príncipe, envergonhado.

– Hum! Hum! – replicou o rei. – Então eu... eu ordeno-te que uma vez bocejes e outras não...

Ele gaguejava um pouco e parecia vexado.

Pois o rei fazia, antes de tudo, absoluta questão de que a sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava desobediência. Era um monarca absoluto. Mas, como era um bom homem, tratava de fazer com que as suas ordens fossem razoáveis.

– Se eu ordenasse a um general... – dizia ele, à guisa de exemplo – se eu ordenasse a um general que se transformasse em gaivota e o general não pudesse obedecer-me, a culpa não seria do general. A

culpa seria toda minha.

– Posso sentar-me? – perguntou então timidamente o pequeno príncipe.

– Ordeno-te que o faças – respondeu o rei, e majestosamente recolheu uma prega do seu manto de arminho.

Mas o príncipe estava espantado. O planeta era tão pequeno... Sobre que poderia aquele rei verdadeiramente reinar?

– Sire[12] – disse-lhe ele –, peço a Vossa Majestade que me desculpe uma pergunta.

– Ordeno-te que me faças uma pergunta – apressou-se o rei a assegurar-lhe.

– Sire, que é que Vossa Majestade governa?

– Tudo – disse o rei, com magnífica simplicidade.

– Tudo?!

O rei fez um gesto que abrangeu o seu planeta, os outros planetas e todas as estrelas.

– Tudo isso? – estranhou o pequeno príncipe.

– Tudo isso – respondeu o rei.

Pois o seu governo não era apenas absoluto: era também universal.

– E as estrelas obedecem a Vossa Majestade?

– Naturalmente que sim – disse o rei. – E obedecem instantaneamente. Eu não admito insubordinações.

Tamanho poder maravilhou o pequeno príncipe. Se ele tivesse toda aquela autoridade, poderia observar o crepúsculo não quarenta e quatro vezes por dia, mas setenta e duas, ou mesmo cem, duzentas vezes, sem ter necessidade de mover a sua cadeira. E como se sentia

um pouco triste ao lembrar-se do seu pequeno planeta, que havia abandonado, tomou-se de coragem para pedir um favor ao rei:

– Eu gostaria de ver um crepúsculo... Tenha a bondade... Mande o Sol descer...

– Se eu ordenasse a um general que voasse de flor em flor como uma borboleta, ou que escrevesse uma tragédia, ou se transformasse numa gaivota, e se o general não pudesse cumprir a ordem que recebera, qual de nós dois estaria errado? – perguntou o rei. – O general ou eu?

– Vossa Majestade – respondeu o príncipe com firmeza.

– Exatamente. Não se deve exigir de cada um senão o dever que cada qual pode cumprir – prosseguiu o rei. – A autoridade aceita repousa antes de tudo na razão. Se o rei ordena ao povo que se atire no mar, o povo fará uma revolução. Tenho o direito de exigir obediência, porque as minhas ordens são razoáveis.

– E o meu crepúsculo? – relembrou o pequeno príncipe, pois ele nunca desistia de uma pergunta.

– Terás o teu crepúsculo. Eu o ordenarei. Mas, de acordo com a minha ciência de governo, esperarei até que as condições sejam favoráveis.

– E quando será isso? – indagou o pequeno príncipe.

– Hum! Hum! – replicou o rei; e, antes de dizer mais alguma coisa, consultou um volumoso almanaque. – Hum! Hum! Será... será... será hoje às sete e quarenta. E vais ver como eu sou bem obedecido.

O pequeno príncipe bocejou. Lamentava o seu crepúsculo perdido. E, depois, já começava a aborrecer-se um pouco.

– Nada mais tenho a fazer aqui – disse ele ao rei.

– Não – disse o rei, que estava muito orgulhoso de ter um súdito. – Não vás. Eu te nomearei ministro!

– Ministro do quê?

– Ministro da... da Justiça!

– Mas aqui não há ninguém para julgar!

– Isso é que não sabemos – disse o rei. – Ainda não dei uma volta completa no meu reino. Estou muito velho. Não há espaço aqui para uma carruagem. E caminhar me cansa muito.

– Oh! Mas eu já reparei! – disse o pequeno príncipe, voltando-se para lançar mais um olhar ao outro lado do planeta. – Naquele lado, como neste, não há mais ninguém...

– Então tu te julgarás a ti mesmo – respondeu o rei. – É a mais difícil de todas as coisas. É muito mais difícil julgar-se a si mesmo do que julgar aos outros. Se conseguires julgar com retidão a ti próprio, és então um homem de real sabedoria.

– Sim – retrucou o príncipe –, mas eu posso julgar-me em qualquer parte. Não preciso ficar vivendo neste planeta.

– Hum! Hum! – disse o rei. – Eu tenho boas razões para acreditar que, em alguma parte do meu planeta, existe um velho rato. Ouço-o de noite. Podes julgar esse velho rato. De tempos em tempos, tu o condenarás à morte. Assim, a vida dele dependerá da tua justiça. Mas de cada vez tu o perdoarás: ele deve ser poupado. É o único que nós temos.

– Eu – replicou o pequeno príncipe – não gosto de condenar ninguém à morte. E agora pretendo seguir viagem.

– Não – disse o rei.

Mas o pequeno príncipe, que completava os seus preparativos de partida, não tencionava ofender o velho monarca.

– Se Vossa Majestade deseja ser logo obedecido – disse ele –, deveria dar-me uma ordem razoável. Deveria, por exemplo, ordenar-me que partisse dentro de um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis...

Como o rei não respondesse, o pequeno príncipe hesitou um instante. Depois, com um suspiro, tomando aquele silêncio como um consentimento, fez as suas despedidas.

– Nomeio-te meu embaixador – gritou o rei, apressadamente.

Tinha um magnífico ar de autoridade.

– Essa gente grande é muito estranha – dizia o pequeno príncipe consigo mesmo enquanto continuava a sua viagem.



[12] Sire: majestade.



O SEGUNDO PLANETA era habitado por um homem importante.

– Ah! Ah! Estou para receber visita de um admirador! – exclamou ele de longe, logo que viu o pequeno príncipe aproximar-se.

Pois, para o homem importante, todos os outros homens são admiradores.



– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – Mas que chapéu engraçado o senhor tem!

– É um chapéu para agradecimentos – replicou o homem importante. – É para ser erguido quando me aclamam. Infelizmente ninguém passa por aqui.

– Ah, sim? – retrucou o pequeno príncipe, que não sabia de que o homem importante estava falando.

– Bata as mãos uma contra a outra – ensinou-lhe o homem importante.

O pequeno príncipe bateu as mãos da forma indicada. O homem importante ergueu o chapéu, em modesta saudação.

– Isto é mais divertido do que a visita ao rei – disse o pequeno príncipe com os seus botões. E começou de novo a bater palmas. O homem importante ergueu novamente o chapéu.

Depois de cinco minutos desse exercício, o pequeno príncipe começou a ficar cansado com a monotonia do brinquedo.

– E como se deve fazer para o chapéu cair? – perguntou ele.

Mas o homem importante não ouviu. Gente importante só ouve louvores.

– Você realmente me admira muito? – perguntou ele ao pequeno príncipe.

– Que significa "admirar"?

– Admirar significa que você me considera o mais simpático, o mais bem-vestido, o mais rico e o mais inteligente homem deste planeta.

– Mas se o senhor é o único homem do seu planeta!

– Tenha a bondade... Admire-me assim mesmo.

– Admiro-o – disse o pequeno príncipe, dando de ombros –, mas que importância pode ter isso para o senhor?

E o pequeno príncipe se foi embora.

– Essa gente grande é na verdade muito esquisita – dizia ele consigo, prosseguindo a sua viagem.

XII

O PRÓXIMO PLANETA era habitado por um beberrão. Foi uma curta visita, mas que deixou o pequeno príncipe profundamente desiludido.

– Que está o senhor fazendo? – perguntou ele ao beberrão, a quem encontrou em silêncio, diante de uma coleção de garrafas vazias e de uma coleção de garrafas cheias.



– Estou bebendo – replicou o beberrão, com um ar lúgubre.

– E por que está bebendo?

– Para esquecer – replicou o beberrão.

– Esquecer o quê? – inquiriu o pequeno príncipe, que já começava a compadecer-se dele.

– Para esquecer que ando envergonhado – confessou o beberrão, sacudindo a cabeça.

– Envergonhado de quê? – insistiu o príncipe, que desejava auxiliá-lo.

– Envergonhado de beber!

E o beberrão deu a conversa por terminada, fechando-se num implacável silêncio.

E o pequeno príncipe partiu, confuso.

– Essa gente grande é bastante esquisita – dizia ele, enquanto continuava a sua viagem.



XIII

O QUARTO PLANETA pertencia a um homem de negócios. Esse homem se achava tão ocupado que nem mesmo ergueu a cabeça quando o príncipe chegou.

– Bom dia – disse-lhe o pequeno príncipe. – O seu cigarro apagou-se.

– Três e dois, cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia. Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito. Eu não tenho tempo de acendê-lo de novo. Vinte e seis e cinco, trinta e um. Uf! Chegam então a quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e duas mil, setecentas e trinta e uma.



– Quinhentos milhões de quê? – indagou o pequeno príncipe.

– Como? Você ainda está aqui? Quinhentos e um milhões. Eu não

posso parar... Tenho tanto que fazer! Trato de coisas importantes. Não posso preocupar-me com ninharias. Dois e cinco, sete...

– Quinhentos e um milhões de quê? – repetiu o pequeno príncipe, que nunca desistia de uma pergunta.

O homem de negócios ergueu a cabeça.

– Durante os cinquenta e quatro anos que eu habito este planeta, só fui perturbado três vezes. A primeira vez foi há vinte e dois anos, quando um ganso tonto caiu Deus sabe de onde. Fez o maior estardalhaço do mundo e eu cometi quatro erros nas minhas contas. Da segunda vez, há onze anos, fui perturbado por um ataque de reumatismo. Não faço bastante exercício. Não tenho tempo para vagabundear. Da terceira vez... Bem, onde estava eu? Quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O homem de negócios compreendeu então que não havia esperança de que o deixassem em paz antes de responder a tal pergunta.

– Milhões dessas coisinhas – disse ele – que a gente às vezes vê no ar.

– Moscas?

– Oh, não. Coisinhas brilhantes.

– Abelhas?

– Oh, não. Coisinhas fulgurantes, que levam os homens indolentes a sonhos ociosos. Quanto a mim, ocupo-me de coisas de importância. Não tenho tempo para sonhos fúteis.

– Ah! O senhor quer dizer as estrelas?

– Sim, isso mesmo. As estrelas...

– E que faz o senhor com cinco milhões de estrelas?

– Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e duas mil, setecentos e trinta e uma. Trato de coisas importantes: sou positivo.

– E que faz o senhor com essas estrelas?

– Que faço eu com elas?

– Sim.

– Nada. Eu as possuo.

– O senhor possui as estrelas?

– Sim.

– Mas eu já vi um rei que...

– Os reis não *possuem*, *reinam*. É caso muito diferente.

– E que lhe adianta possuir as estrelas?

– É que isso me torna rico.

– E que lhe adianta tornar-se rico?

– É que assim poderei comprar mais estrelas, se outras forem descobertas.

"Esse homem", disse o príncipe consigo mesmo, "raciocina um pouco como o meu pobre beberrão..."

Tinha, contudo, mais perguntas a fazer.

– Mas como é possível que alguém possua as estrelas?

– Ora, a quem pertencem elas? – retorquiu o homem de negócios, mal-humorado.

– Não sei. Acho que a ninguém.

– Então pertencem a mim, porque eu fui o primeiro que pensei em possuí-las.

– E basta isso?

– Lógico. Quando você acha um diamante que não pertence a

ninguém, ele é seu. Quando você descobre uma ilha que não pertence a ninguém, ela é sua. É assim comigo: eu possuo as estrelas porque ninguém antes de mim pensou em possuí-las.

– Sim, é verdade – disse o pequeno príncipe. – E que faz o senhor com elas?

– Administro-as – replicou o homem de negócios. – Conto-as e reconto-as. Não é nada fácil. Mas eu sou um homem ocupado em coisas de importância.

O pequeno príncipe ainda não estava satisfeito.

– Se eu possuísse um lenço[13] de seda – disse ele –, eu o enrolaria no pescoço e sairia com ele para passear. Se eu possuísse uma flor, poderia colhê-la e trazê-la comigo na lapela. Mas o senhor não pode colher as estrelas do céu...

– Não. Mas posso pô-las no banco.

– Que quer dizer isso?

– Quer dizer que eu escrevo o número de minhas estrelas em um papelzinho. E depois guardo esse papel em uma gaveta e fecho-a a chave.

– Só isso?

– É o bastante – disse o homem de negócios.

"É interessante", pensou o pequeno príncipe. "É até poético. Mas não é muito lógico."

Em matéria de lógica, o pequeno príncipe tinha ideias muito diferentes das que possuíam os grandes sobre o mesmo assunto.

– Eu possuo uma flor – continuou ele a falar com o homem de negócios. – Uma flor que eu irrigo todos os dias. Eu possuo três

vulcões, que limpo todas as semanas (pois limpo também o que está extinto: a gente nunca sabe). Assim é proveitoso para os meus vulcões que eu os possua, como é proveitoso para a minha flor pertencer a mim. Mas o senhor não tem utilidade alguma para as estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não achou nada que responder. E o pequeno príncipe se foi embora.

– Essa gente grande é mesmo muito engraçada – limitou-se a dizer consigo o pequeno príncipe, enquanto continuava a sua viagem.



[13] Quintana traduziu o original *foulard* por manta, mas trocamos por lenço por ser mais próprio para enrolar no pescoço e passear.

XIV

O QUINTO PLANETA era muito estranho. Era o menor de todos. Havia nele justamente espaço para um lampião de esquina e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não atinava para que serviria um lampião de esquina e um acendedor de lampiões, num ponto qualquer lá pelos céus, em um planeta que não tinha gente nem casa alguma. Mas disse com os seus botões:

– Bem pode ser que esse homem seja absurdo. Mas não é tão absurdo como o rei, o homem importante, o homem de negócios e o beberrão. Pois afinal o seu trabalho tem alguma significação. Quando ele acende o seu lampião, é como se trouxesse mais uma estrela à vida, ou uma flor. Quando ele apaga o seu lampião, faz a flor, ou a estrela, dormir. É uma bela ocupação. E, desde que seja bela, é verdadeiramente útil.

Quando chegou ao planeta, saudou respeitosamente o acendedor de lampiões.

– Bom dia! Por que acaba de apagar o seu lampião?

– São ordens – replicou o acendedor. – Bom dia.

– Que ordens?

– Ordens para que eu apague o meu lampião. Boa noite.

E ele acendeu o lampião de novo.

– Mas por que acaba de acendê-lo outra vez?

– São ordens – replicou o acendedor.

– Eu não compreendo – disse o pequeno príncipe.

– Não há nada a compreender – disse o acendedor. – Ordens são ordens. Bom dia.

E apagou o lampião.

Depois enxugou a testa com um lenço de xadrezinhos vermelhos.

– É uma terrível profissão a minha. Antigamente era bem razoável, até. Eu apagava o lampião de manhã e acendia-o de noite. Tinha o restante do dia para distrair-me e o restante da noite para dormir.

– E as ordens foram modificadas depois disso?

– As ordens não foram modificadas – disse o acendedor de lampiões. – Aí é que está a tragédia! De ano para ano, o planeta vem girando mais rapidamente, e as ordens não são modificadas!

– E daí? – perguntou o pequeno príncipe.

– E vai daí o planeta faz uma volta completa a cada minuto e eu não tenho um único segundo de descanso. De minuto em minuto eu tenho de acender o meu lampião e apagá-lo.

– Que engraçado! Então aqui, onde o senhor mora, o dia dura apenas um minuto?!

– Não vejo nada de engraçado! – replicou o acendedor. – Enquanto estivemos a falar, já se passou um mês.

– Um mês?

– Sim, um mês. Trinta minutos. Trinta dias. Boa noite.



E acendeu de novo o seu lampião.

E, enquanto olhava, o príncipe sentiu que queria bem àquele acendedor de lampiões que era tão cumpridor dos seus deveres. Lembrou-se de todos os crepúsculos que apreciara em outros tempos, apenas movendo a cadeira, e desejou auxiliar o seu amigo.

– Escute – disse ele –, eu vou ensinar-lhe a maneira de o senhor descansar quando quiser...

– Eu sempre quero descansar – interrompeu o acendedor.

Pois é possível ser zeloso e preguiçoso ao mesmo tempo.

O pequeno príncipe continuou a sua explicação:

– Este seu planeta é tão pequeno que o senhor, com três pernadas, poderá fazer a volta dele. Para estar sempre no pino do Sol, basta que vá caminhando, e não precisa ser muito depressa. Quando desejar descanso, vá andando... e o dia durará quanto tempo o senhor quiser.

– Isso não me adianta muito – replicou o acendedor. – A única coisa de que eu gosto na vida é dormir.

– Então o senhor não tem sorte – disse o pequeno príncipe.

– É, não tenho sorte – admitiu o acendedor. – Bom dia.

E apagou o lampião.

– Esse homem – disse o pequeno príncipe consigo mesmo, enquanto continuava a sua viagem –, esse homem seria escarnecido por todos os outros: pelo rei, pelo homem importante, pelo beberrão, pelo homem de negócios. E no entanto é o único que não me parece ridículo. Talvez seja porque ele pensa em outra coisa além de si mesmo.

Soltou um suspiro de pesar e disse outra vez consigo mesmo:

– Esse homem é o único dentre eles que eu desejaria fazer meu amigo. Mas o planeta dele é na verdade muito pequeno! Não tem lugar para duas pessoas...

Uma coisa o príncipe não ousava confessar: se ele tanto sentia partir dali, é que aquele planeta era abençoado com mil quatrocentos e quarenta crepúsculos por dia.



XV

O SEXTO PLANETA era dez vezes maior que o último. Era habitado por um velho senhor que escrevia volumosos livros.



– Olha! Olha um explorador! – exclamou ele para si mesmo quando viu o pequeno príncipe chegar.

O pequeno príncipe sentou-se sobre a mesa, um pouco arquejante. Viajara tanto e viera de tão longe!

– De onde vem? – perguntou-lhe o velho senhor.

– Que livro é esse tão grande? – perguntou, por sua vez, o pequeno príncipe. – Que está o senhor fazendo?

– Eu sou geógrafo – esclareceu o velho senhor.

– Que quer dizer "geógrafo"? – indagou o pequeno príncipe.

– O geógrafo é um sábio que conhece a localização de todos os mares, rios, cidades, montanhas e desertos.

– É muito interessante – disse o pequeno príncipe. – Eis afinal um

homem que tem uma verdadeira profissão!

E ele percorreu com a vista o planeta do geógrafo. Era o mais belo e importante planeta que já vira.

– O seu planeta é bem lindo – disse ele. – Tem muitos oceanos?

– Não lhe sei dizer – respondeu o geógrafo.

– Ah! – o pequeno príncipe estava desapontado. – E tem muitas montanhas?

– Não lhe sei dizer – confessou o geógrafo.

– E cidades, e rios, e desertos?

– Também não lhe sei dizer.

– Mas o senhor é um geógrafo!

– Exatamente – disse o geógrafo. – Mas eu não sou explorador. Não tenho um único explorador no meu planeta. Não é o geógrafo que sai a contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos e os desertos. O geógrafo é demasiado importante para andar vagabundeando. Ele não deve abandonar a sua mesa de trabalho. Mas recebe os exploradores em seu gabinete. Dirige-lhes perguntas e anota o que eles lhe contam de suas viagens. E, se as recordações de alguns dentre eles lhe parecem interessantes, o geógrafo ordena um inquérito sobre a moral dos exploradores.

– Por que isso?

– Porque um explorador mentiroso estraga os livros do geógrafo. Assim também um explorador que bebe muito.

– Por quê?

– Porque os bêbados enxergam duplo. Assim, o geógrafo poderia registrar duas montanhas no local onde somente existe uma.

– Eu sei de alguém – disse o pequeno príncipe – que daria um mau explorador.

– Pode ser. Bem, depois de provado que é satisfatória a moral do explorador, é ordenado um inquérito sobre a sua descoberta.

– Vão verificá-la?

– Não. Seria muito complicado. Mas exige-se que o explorador forneça provas. Por exemplo, se a descoberta em questão é de uma grande montanha, pede-se que tragam grandes pedras de lá.

De súbito, o geógrafo mostrou-se muito excitado.

– Mas você... você veio de longe! Você é um explorador! Vai descrever o seu planeta para mim!

E, tendo aberto o grande livro de registro, o geógrafo pôs-se a fazer ponta no lápis. Espera-se até que o explorador tenha fornecido provas para escrever tudo a tinta.

– E então? – disse o geógrafo, na expectativa.

– Oh, lá onde eu vivo – respondeu o pequeno príncipe – não há nada de interessante. Tudo é tão pequeno... Tenho três vulcões. Dois vulcões são ativos e o outro está extinto. Mas a gente nunca sabe.

– A gente nunca sabe – disse o geógrafo.

– E também tenho uma flor.

– Nós não registramos flores – disse o geógrafo.

– Por que não? A flor é o que há de mais lindo no meu planeta.

– Nós não as registramos – disse o geógrafo – porque elas são efêmeras.

– Que quer dizer “efêmera”?

– As geografias – disse o geógrafo – são, dentre todos os livros, os que

mais se ocupam com coisas de importância. As geografias nunca se tornam fora de moda. É muito raro que uma montanha mude de posição. É muito raro que um oceano se esvazie de suas águas. Nós escrevemos sobre coisas eternas.

– Mas os vulcões extintos podem renascer – interrompeu o pequeno príncipe. – Que quer dizer "efêmera"?

– Se os vulcões estão extintos ou em atividade, é o mesmo para nós – disse o geógrafo. – Para nós o que importa é a montanha. E esta não muda.

– Mas que quer dizer "efêmera"? – repetiu o pequeno príncipe, que nunca desistia de uma pergunta.

– Quer dizer que está em perigo de súbito desaparecimento.

– E a minha flor está em perigo de súbito desaparecimento?

– Naturalmente que sim.

– A minha flor é efêmera – disse o pequeno príncipe consigo – e tem apenas quatro espinhos para defender-se do mundo. E eu deixei-a sozinha em meu planeta!

Foi o seu primeiro momento de pesar. Mas ele recobrou ânimo e perguntou:

– Que lugar me recomenda para visitar agora?

– O planeta Terra – replicou o geógrafo. – Tem boa reputação.

E o pequeno príncipe continuou viagem, pensando na sua flor.





DE MODO QUE O SÉTIMO PLANETA FOI A TERRA.

A Terra não se pode dizer que seja um planeta ordinário! Contam-se, ali, cento e onze reis (sem esquecer, naturalmente, os reis negros nesse número), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócio, sete milhões e quinhentos mil ébrios, trezentos e onze milhões de pessoas importantes – isto é, cerca de dois bilhões de adultos.

Para dar uma ideia da grandeza da Terra, basta dizer que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, sobre os seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Visto de pouca distância isso seria um esplêndido espetáculo. Os movimentos de tal exército seriam tão bem combinados como os do balé na ópera. Primeiro viria o turno dos acendedores da Nova Zelândia e da Austrália. Tendo acendido as suas luzes, estes iriam dormir. Depois, os acendedores da China e da Sibéria entrariam na dança e também se sumiriam nos bastidores. Depois seria a vez dos acendedores da Rússia e das Índias; depois os da África e da Europa; depois os da América do Sul; depois os da América do Norte. E jamais cometeriam um erro na ordem da sua entrada em cena. Seria magnífico. Somente o homem que atendia ao único lampião no Polo Norte, e o seu colega que era responsável pelo único lampião no Polo

Sul, somente esses dois se veriam livres de cuidados e fadigas: teriam serviço apenas duas vezes por ano.

XVII

QUANDO A GENTE DESEJA PASSAR POR MUITO FINO, às vezes se afasta um pouco da verdade. Eu não fui muito verdadeiro no que contei acerca dos acendedores de lampiões. E reconheço que corri o risco de dar uma falsa ideia do nosso planeta àqueles que não o conhecem. Os homens ocupam um lugar muito diminuto na face da Terra. Se os dois bilhões de habitantes que povoam a sua superfície se mantivessem de pé, acotovelados, como acontece nas grandes assembleias públicas, poderiam com muita facilidade caber numa área quadrada de cinco léguas de lado. Toda a humanidade poderia ser amontoada numa pequena ilha do Pacífico.

Os grandes não acreditam quando lhes dizem tais coisas. Julgam ocupar uma grande porção de espaço. Imaginam-se tão grandes como baobás. Vocês deveriam recomendar-lhes que fizessem os seus próprios cálculos. Eles adoram os algarismos, e isso lhes agradaria. Quanto a vocês, não desperdicem o tempo com esse trabalho extra. Não é preciso. Eu sei que vocês têm confiança em mim.

Quando o pequeno príncipe chegou à Terra, ficou muito surpreso de não ver ninguém. Estava começando a desconfiar que tomara o planeta errado quando uma espécie de corda de ouro, desenrolando-se, fulgurou sobre a areia.



– Boa tarde – disse o pequeno príncipe cortesmente.

– Boa tarde – respondeu a cobra.

– Que planeta é este?

– É a Terra. Aqui é a África – explicou a cobra.

– Ah! Então não há gente na Terra?

– Aqui é o deserto. Não há gente no deserto. A Terra é grande – disse a cobra.

O pequeno príncipe sentou-se numa pedra e ergueu os olhos para o céu.

– Quem sabe – disse ele – se as estrelas não estarão acesas no céu para um dia a gente encontrar a sua de novo... Olha o meu planeta. Está exatamente acima de nós. Mas que longe é!

– É lindo – disse a cobra. – Que foi que te trouxe aqui?

– Tive diferenças com uma flor – disse o pequeno príncipe.

– Ah! – murmurou a cobra.

E ficaram ambos silenciosos.

– Onde estão os homens? – perguntou o pequeno príncipe, continuando afinal a conversação. – Há solidão demais no deserto.

– Também há muita solidão entre os homens – disse a cobra.

O pequeno príncipe pôs-se a considerá-la por muito tempo.

– Você é um bicho engraçado – disse ele por fim. – Não é mais grosso que um dedo.

– Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei – disse a cobra.

O pequeno príncipe sorriu.

– Não, você não é muito poderosa. Pois se nem pés você tem... Não pode nem viajar...

– Eu posso levar-te mais longe do que qualquer navio – disse a cobra.

E enroscou-se ao tornozelo do pequeno príncipe, como uma joia de ouro.

– Quem quer que eu toque, eu o mando para a terra de onde veio – falou de novo a cobra. – Mas tu és inocente e sincero... e vieste de uma estrela...

O pequeno príncipe não replicou.

– Tu me enches de piedade... És tão fraco, nesta terra feita de granito... – disse a cobra. – Eu posso ajudar-te, algum dia, se sentires muita saudade do teu planeta. Eu posso...

– Oh! Eu compreendo você muito bem – disse o pequeno príncipe. – Mas por que você sempre fala por enigmas?

– Eu soluciono todos os enigmas – disse a cobra.

E ficaram ambos em silêncio.





O PEQUENO PRÍNCIPE ATRAVESSOU O DESERTO e encontrou somente uma flor. Era uma flor de três pétalas, uma flor sem nenhuma importância.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – respondeu a flor.

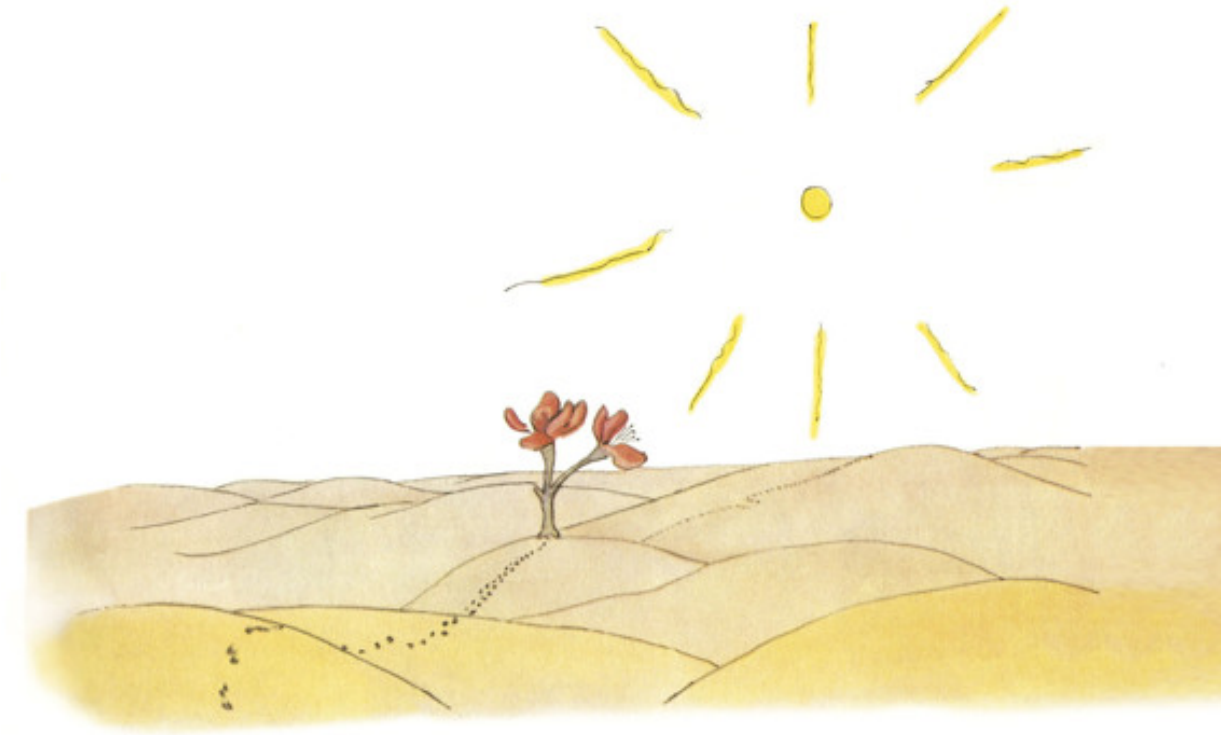
– Onde estão os homens? – perguntou polidamente o pequeno príncipe.

A flor tinha visto uma vez uma caravana.

– Homens? – repetiu ela. – Creio que há uns seis ou sete pelo mundo. Eu os vi, já faz muitos anos. Mas não se sabe nunca onde encontrá-los. O vento os vai levando sempre para diante. Não têm raízes, os pobres... E isso lhes torna a vida tão difícil...

– Adeus – disse o pequeno príncipe.

– Adeus – respondeu a flor.



XIX

DEPOIS O PRÍNCIPE SUBIU UMA ALTA MONTANHA. As únicas montanhas que ele vira eram os três vulcões, que lhe chegavam aos joelhos. E ele costumava usar o vulcão extinto como tamborete, onde descansava os pés.

– De uma montanha tão alta como esta – disse ele consigo –, poderei ver todo o planeta com um olhar. E todos os seus habitantes.

Mas nada viu, a não ser picos de rocha, afilados como agulhas.



– Bom dia – disse ele cortesmente.

– Bom dia... Bom dia... Bom dia... – respondeu o eco.

– Quem és tu? – perguntou o pequeno príncipe.

– Quem és tu?... Quem és tu?... Quem és tu?... – respondeu o eco.

– Quero que sejas meu amigo. Eu estou sozinho – disse ele.

– Eu estou sozinho... Sozinho... Sozinho... – respondeu o eco.

– Que esquisito planeta! – pensou ele. – É todo seco, e pontiagudo, e áspero, e intratável. E as pessoas não têm imaginação. Repetem tudo o que a gente diz... No meu planeta eu tinha uma flor; sempre era ela que falava primeiro.



XX

MAS ACONTECEU QUE, após haver caminhado por muito tempo, o pequeno príncipe chegou a uma estrada. E todas as estradas levam às moradas dos homens.

– Bom dia – disse ele.

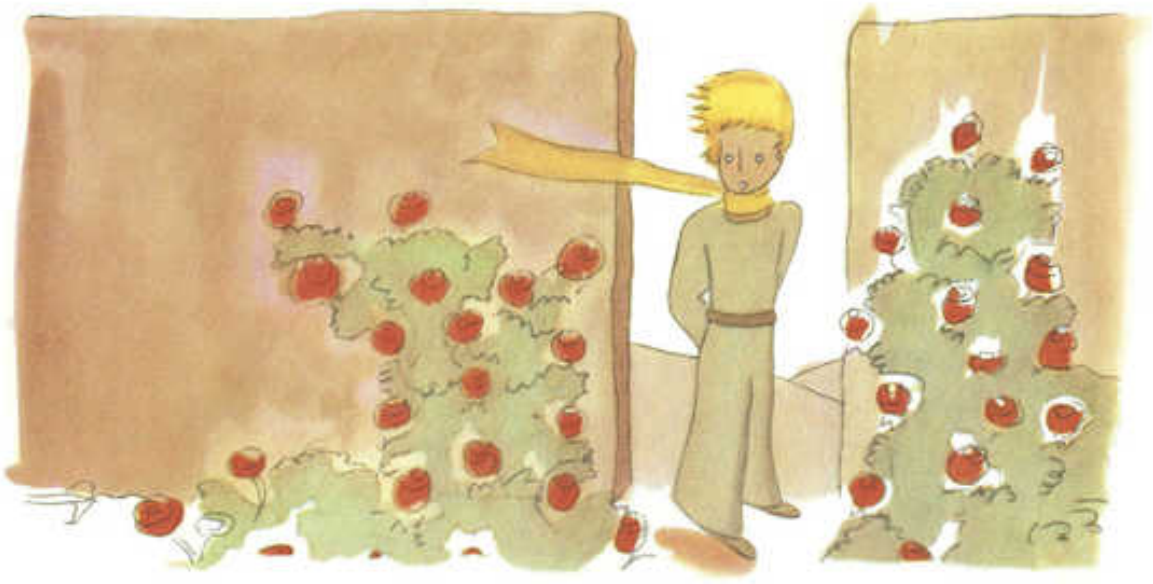
Estava diante de um jardim todo aberto em rosas.

– Bom dia – disseram as rosas.

O pequeno príncipe não se cansava de contemplá-las. Todas se pareciam com a sua flor.

– Quem são vocês? – perguntou ele, pasmado.

– Somos rosas – disseram as rosas.



E ele se encheu de tristeza. A sua flor lhe havia dito que era a única da sua espécie em todo o Universo. E ali havia cinco milhares delas,

todas iguais, em um só jardim!

– A minha rosa ficaria muito aborrecida se visse isto – pensou o pequeno príncipe. – Tossiria mais lamentavelmente ainda e daria a entender que estava morrendo, para que não rissem dela. E eu seria obrigado a pensar que, com o meu carinho, lhe restituía a vida... Pois, se eu assim não fizesse, ela era bem capaz de deixar-se morrer, para humilhar-me...

Depois mergulhou nas suas reflexões:

– E eu a julgar-me rico, com uma flor que era única em todo o Universo, eu que apenas tinha uma rosa comum. Uma rosa comum e três vulcões que me davam pelos joelhos. E um deles talvez extinto para sempre... E isso não me faz um grande príncipe...

E ele deitou-se na relva e chorou.





FOI QUANDO APARECEU A RAPOSA.

– Bom dia – disse a raposa.

– Bom dia – respondeu polidamente o pequeno príncipe, embora nada visse quando olhou em derredor.

– É aqui que eu estou – disse a voz. – Aqui debaixo da macieira.

– Quem és tu? – indagou o pequeno príncipe. E acrescentou: – Tu és uma criatura bem bonita.

– Eu sou uma raposa – disse a raposa.

– Vem brincar comigo – propôs o pequeno príncipe. – Sinto-me tão infeliz.



– Não posso brincar contigo – observou a raposa. – Eu não fui domesticada.

– Ah! Desculpa-me – disse o pequeno príncipe.

Mas, depois de pensar um pouco, acrescentou:

– Que quer dizer “domesticar”?

– Tu não és daqui – disse a raposa. – Que andas a procurar?

– Procuro homens – respondeu o pequeno príncipe. – Que quer dizer “domesticar”?

– Homens... – falou a raposa. – Eles têm espingardas, e caçam. É muito aborrecido. Também comem frangos. Estes são os seus únicos interesses. Andas à procura de frangos?





– Não – disse o pequeno príncipe. – Eu procuro amigos. Que quer dizer "domesticar"?

– É um ato muitas vezes negligenciado – disse a raposa. – Quer dizer "estreitar laços".

– Estreitar laços?

– Exatamente – disse a raposa. – Para mim, tu ainda não passas de um menino, exatamente igual a milhares de outros meninos. E eu não sinto necessidade de ti. E tu, da tua parte, não sentes necessidade de mim. Para ti, eu não passo de uma raposa, igual a milhares de outras raposas. Mas se tu me domesticares, então sentiremos necessidade um do outro. Eu serei única em todo o Universo...

– Começo a compreender – disse o pequeno príncipe. – Há uma flor... Eu penso que ela me domesticou...

– É possível – observou a raposa. – Na Terra se vê de tudo.

– Oh, mas isso não foi na Terra! – disse o pequeno príncipe.

A raposa parecia perplexa, e muito curiosa.

– Em um outro planeta?

– Sim.

– E há caçadores nesse planeta?

– Não.

– Ah! Que bom! E há frangos?

– Não.

– Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Mas voltou à sua ideia.

– A minha vida é muito monótona – disse ela. – Eu caço frangos; os homens caçam-me. Todos os frangos são exatamente iguais; todos os homens são exatamente iguais. E, por conseguinte, eu fico um pouco aborrecida. Mas, se tu me domesticares, seria como se o Sol resplandecesse em minha existência. Eu reconheceria o rumor de um passo, que seria diferente de todos os outros passos. Outros passos fariam com que eu me escondesse por debaixo da terra. Mas os teus me chamariam, como uma música, para fora da minha toca. Olha! Estás vendo aquelas searas? Pois eu não como pão; o trigo não me serve para coisa alguma; os trigais não me dizem nada. E isso é triste. Mas sucede que tens cabelos que são da cor do ouro. Pensa então que maravilha seria se me tivesses domesticado! O trigo, que é também de ouro, faria os meus pensamentos voarem para ti. E eu gostaria de ouvir o vento nos trigais...

A raposa ficou a olhar por muito tempo para o pequeno príncipe.

– Por favor... domestica-me! – disse ela.

– Bem que eu desejaria – disse o pequeno príncipe. – Mas não disponho de muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas

que preciso compreender.

– Só compreendemos as coisas que domesticamos – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo para compreender coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas não há loja onde se possa comprar amizade, e assim os homens não têm mais amigos. Se quiseres um amigo, domestica-me.

– Que devo eu fazer para domesticar-te? – perguntou o pequeno príncipe.

– Deves ter muita paciência – replicou a raposa. – Primeiro deves sentar-te a pequena distância de mim... assim... na relva. Eu olharei para ti com o rabo dos olhos, e tu não dirás nada. As palavras são uma fonte de desentendimento. Mas sentarás um pouco mais perto de mim cada dia...

No dia seguinte, o príncipe voltou.

– Seria bom que viesses sempre à mesma hora – disse a raposa. – Se, por exemplo, chegares às quatro da tarde, já às três começarei a sentir-me feliz. E serei cada vez mais feliz à medida que a hora avançar. Às quatro estarei pulando. E hei de mostrar-te que feliz eu sou! Mas se vieres a qualquer hora, eu nunca saberei em que instante o meu coração estará pronto para receber-te... Devem-se observar os devidos ritos...



– Que é um rito? – perguntou o pequeno príncipe.

– Os ritos são coisas também muitas vezes negligenciadas – disse a raposa. – São eles que fazem um dia diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Há um rito, por exemplo, entre os meus caçadores. Todas as quintas-feiras eles dançam com as raparigas[14] da aldeia. De modo que a quinta-feira é para mim um dia maravilhoso! Eu posso passear até os vinhedos. Mas se os caçadores dançassem em qualquer tempo, cada dia seria igual aos outros, e eu nunca teria descanso.

E assim o pequeno príncipe domesticou a raposa. E, quando chegou

a hora da despedida:

– Ah! – exclamou a raposa. – Eu vou chorar.

– A culpa é toda tua – disse o pequeno príncipe. – Eu nunca te desejei nenhum desgosto; mas tu quiseste que eu te domesticasse...

– Sim, é verdade – disse a raposa.

– Mas agora vais chorar! – disse o pequeno príncipe.

– Sim, é verdade – disse a raposa.

– Então isso não te trouxe nenhum bem!

– Trouxe-me um bem – disse a raposa –, por causa da cor dos trigais.

E acrescentou:

– Vai olhar de novo as rosas. Compreenderás então que a tua rosa é a única em todo o Universo. Vem depois despedir-te de mim e eu te darei de presente um segredo.

O príncipe foi olhar de novo as rosas.

– Vocês não são como a minha rosa – disse ele. – E ainda mais, não são coisa nenhuma. São como a minha raposa, logo que a conheci. Era uma raposa igual a milhares de outras. Mas eu tornei-a minha amiga, e agora ela é única em todo o mundo.



E as rosas ficaram muito embaraçadas.

– Vocês são bonitas, mas vazias – continuou ele. – Ninguém morreria por vocês. Um transeunte ordinário pensaria que a minha rosa é exatamente igual a vocês – a rosa que me pertence. Mas, sendo uma só, ela é mais importante do que vocês todas, às centenas: porque ela é aquela que eu reguei; porque é aquela que eu pus sob a redoma; porque é aquela que eu abriguei com o biombo; porque foi por causa dela que eu matei as lagartas (exceto duas ou três, para se tornarem borboletas); porque era a ela que eu escutava quando fazia censuras ou se gabava, ou mesmo quando não dizia nada. Porque ela é a *minha* rosa.

E foi encontrar-se com a raposa.

– Bom dia – disse ele.

– Bom dia – disse a raposa. – E aqui está o meu segredo, um segredo muito simples: somente com o coração é que se pode ver direito; o que é essencial é invisível para os olhos.

– O que é essencial é invisível para os olhos – repetiu o pequeno

príncipe, a fim de não esquecê-lo nunca mais.

– É o tempo que gastaste com a tua rosa que assim a torna tão importante.

– Foi o tempo que eu gastei com a minha rosa... – disse o pequeno príncipe, para não esquecê-lo nunca mais.

– Os homens esquecem essa verdade – disse a raposa. – Mas tu não deves esquecê-la. És responsável, para sempre, pelo que domesticaste. És responsável pela tua rosa...

– Sou o responsável pela minha rosa – repetiu o pequeno príncipe, para não esquecê-lo nunca mais.



[14] Raparigas: moças.

XXII

– BOM DIA – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o guarda-chaves.

– Que faz o senhor aqui? – perguntou o pequeno príncipe.

– Eu faço os viajantes partirem, todos juntos. Dou passagem aos trens que os carregam: ora para a direita, ora para a esquerda.

E um expresso brilhantemente iluminado sacudiu a guarita do guarda-chaves com um estrondar semelhante a uma trovoada.

– Como estão com pressa! – exclamou o pequeno príncipe. – Que andarão eles procurando?

– Isso nem mesmo o maquinista o sabe – disse o guarda-chaves.

E um segundo expresso, brilhantemente iluminado, trovejou de novo, em direção oposta.

– Já vêm de volta? – perguntou o pequeno príncipe.

– Não são os mesmos – disse o guarda-chaves. – É uma baldeação.

– Não estavam satisfeitos onde se achavam? – perguntou o pequeno príncipe.

– Ninguém está satisfeito onde se acha – disse o guarda-chaves.

E ouviram o terrível trovejar de um terceiro expresso, brilhantemente iluminado.

– Eles estão perseguindo os primeiros viajantes? – perguntou o pequeno príncipe.

– Não estão perseguindo nada – disse o guarda-chaves. – Estão dormindo agora, ou pelo menos bocejando. Somente as crianças achatam agora o narizinho contra as vidraças.

– Somente as crianças sabem o que procuram – disse o pequeno príncipe. – Gastam o tempo com uma boneca de trapos e isso é o que há de mais importante para elas; e, se alguém lhes tira a boneca, põem-se logo a chorar...

– São felizes – disse o guarda-chaves.



XXIII

– BOM DIA – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o comerciante.

Era um comerciante que vendia pílulas para matar a sede. Bastava a gente tomar uma pílula por semana e não sentia nenhuma necessidade de beber.

– Por que está vendendo essas pílulas? – perguntou o pequeno príncipe.

– Porque poupam uma porção de tempo – disse o comerciante. – Os peritos já fizeram os devidos cálculos. Com essas pílulas, você poupará cinquenta e três minutos por semana.

– E que vou eu fazer com esses cinquenta e três minutos?

– O que quiser...

– Quanto a mim – disse consigo o pequeno príncipe –, se eu dispusesse de cinquenta e três minutos para gastar no que quisesse, caminharia à vontade até encontrar uma fonte de água fresca.



XXIV

FAZIA AGORA OITO DIAS que eu sofrera o meu acidente no deserto. E ouvira a história do comerciante enquanto bebia a última gota d'água que me restava.

– Ah, as tuas recordações são um encanto – disse eu ao pequeno príncipe. – Mas não consegui consertar o meu aparelho. Não tenho nada para beber. E seria muito feliz, também, se pudesse caminhar à vontade até encontrar uma fonte de água fresca...

– A minha amiga raposa... – começou o pequeno príncipe.

– Mas, meu amiguinho – interrompi eu –, isto não tem nada a ver com a raposa.

– Por quê?

– Porque eu estou para morrer de sede.

Ele não seguiu o meu pensamento e respondeu-me:

– É bom ter tido um amigo, mesmo quando se está para morrer. Eu, por exemplo, se estou contente por ter como amiga uma raposa...

– Não há jeito de ele compreender o perigo – disse eu com os meus botões. – Ele nunca sentiu fome nem sede. Basta-lhe um pequeno crepúsculo... e nada mais.

Mas ele olhou-me com firmeza e replicou ao meu pensamento.

– Eu também tenho sede. Vamos procurar um poço.

Fiz um gesto de desânimo. É absurdo procurar um poço, ao acaso, na

imensidão do deserto. Mas, apesar disso, pusemo-nos a caminhar.

Depois de andarmos muitas horas em silêncio, começou a escurecer e apareceram as primeiras estrelas. A sede me tornava um pouco febril, e eu olhava para elas como em um sonho. Voltaram-me à memória as últimas palavras do pequeno príncipe.

– Então tu também tens sede? – perguntei-lhe.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Limitou-se a dizer:

– Água também é bom para o coração, com certeza...

Não compreendi essa resposta. Mas fiquei calado. Bem sabia que não adiantava fazer-lhe duas vezes a mesma pergunta.

Ele estava exausto. Sentou-se. Sentei-me ao seu lado. E, depois de um silêncio, ele falou de novo:

– As estrelas são lindas, por causa de uma flor que não se pode ver.

– Assim é – repliquei. – E, sem nada dizer, olhei os cômoros de areia que se estendiam à nossa frente, sob o luar.

– O deserto é lindo – acrescentou o pequeno príncipe.

E era verdade. Eu sempre amei o deserto. A gente senta-se em uma solitária duna de areia, não vê nada, não ouve nada. E, no entanto, através do silêncio, alguma coisa palpita e resplandece.

– O que faz lindo o deserto – disse o pequeno príncipe – é que ele nalguma parte oculta um poço...

Fiquei atônito com a compreensão instantânea daquela misteriosa irradiação das areias. Quando eu era menino, morava em uma casa antiga. E dizia a lenda que nela se achava oculto um tesouro. Na verdade, ninguém conseguira achá-lo; talvez nunca o tivessem procurado. Mas ele expandia um encantamento sobre aquela casa. A

minha casa ocultava um segredo nas profundezas do seu coração...

– Sim – disse eu ao pequeno príncipe. – A casa, as estrelas, o deserto... O que lhes empresta beleza é alguma coisa que se mantém invisível!

– Estimo – disse ele – que você esteja de acordo com a minha raposa.

E, como o pequeno príncipe tivesse adormecido, tomei-o nos braços e pus-me a caminhar de novo. Sentia-me profundamente comovido e inquieto. Parecia-me que estava carregando um fragílimo tesouro. Parecia-me, até, que não havia nada de mais frágil em toda a Terra. Eu olhava, ao luar, para aquela pálida fronte, aqueles olhos cerrados, aqueles anéis de cabelos que se agitavam ao vento, e disse comigo mesmo:

– O que eu vejo aqui é apenas o invólucro. O mais importante está invisível.

Como os seus lábios se abrissem levemente num meio sorriso, eu pensei, de novo:

"O que me comove tão profundamente, neste pequeno príncipe adormecido, é a sua fidelidade a uma flor. A imagem de uma rosa que resplandece através de todo o seu ser como a chama de uma lâmpada, mesmo quando ele está dormindo".

E senti-o mais frágil ainda. Senti a necessidade de protegê-lo, como se ele próprio fosse uma flama que poderia apagar-se a qualquer vento...

E, continuando a caminhar, encontrei o poço, ao nascer do dia.



– OS HOMENS – disse o pequeno príncipe – viajam em expressos, mas não sabem o que procuram. Depois, precipitam-se, agitam-se, dão voltas no mesmo lugar...

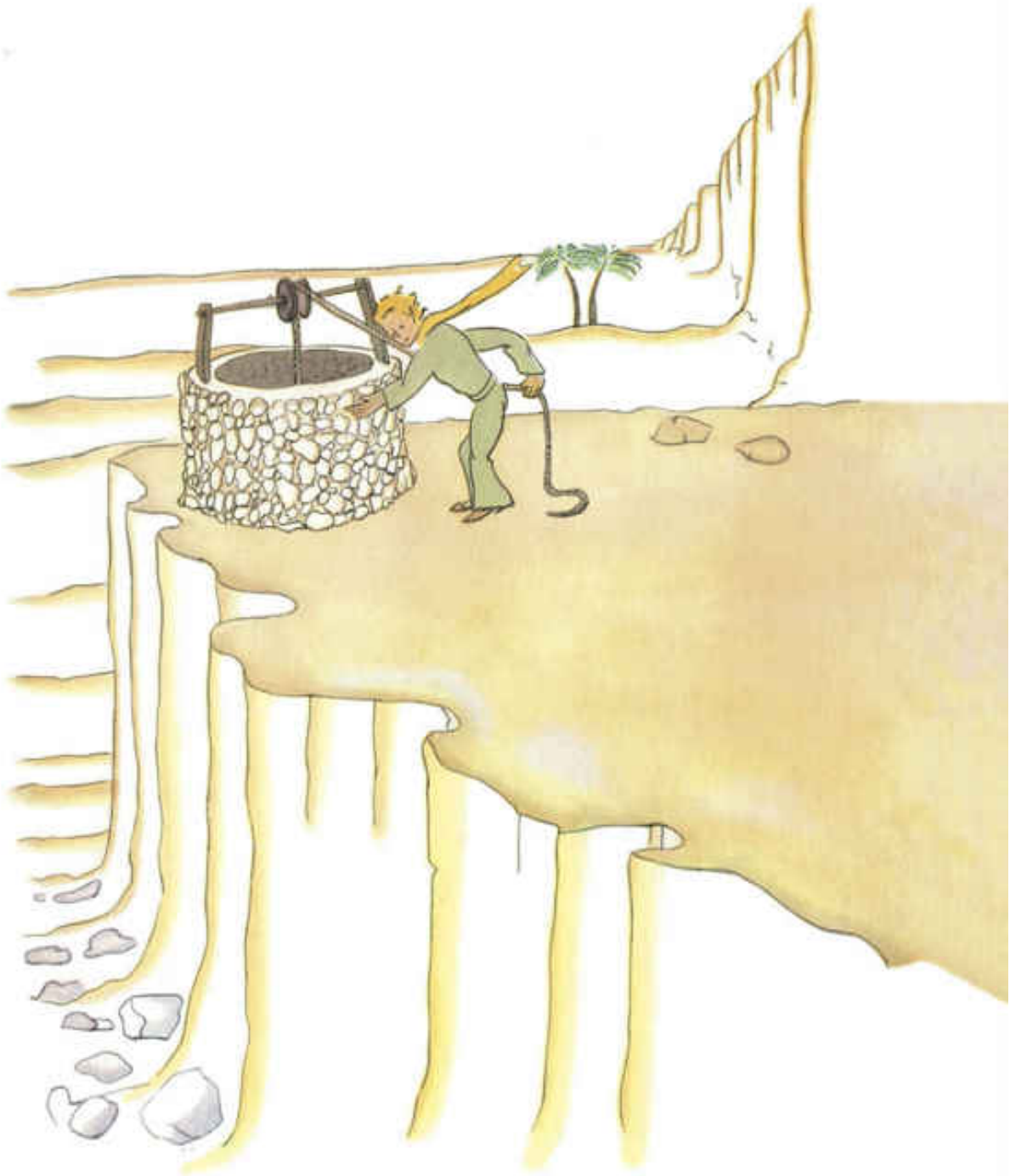
E acrescentou:

– Não vale o trabalho que custa...

O poço aonde tínhamos ido parar não se parecia em nada com os outros poços do Saara. Os poços do Saara são simples buracos cavados na areia. Aquele era como um poço de aldeia. Mas não havia aldeia ali, e eu pensei que estivesse sonhando...

– É estranho – disse eu ao pequeno príncipe. – Tudo está pronto para isso: a roldana, o balde, a corda...

Ele riu, segurou a corda e pôs a roldana a girar e a roldana gemeu, como um velho cata-vento de há muito esquecido pelo vento.



– Está ouvindo? – disse o pequeno príncipe. – Nós despertamos o poço, e ele está cantando.

Eu não quis que ele se cansasse na corda.

– Deixa comigo – disse-lhe eu. – É muito pesado para ti.

Alcei o balde lentamente e depositei-o à borda do poço – feliz, cansado como estava, com o meu trabalho. O canto da roldana ainda soava em meus ouvidos, e eu podia ver a luz do Sol agitar-se na água ainda trêmula.

– Estou sequioso dessa água – disse o pequeno príncipe. – Dê-me um pouco para beber.

E eu compreendi que era àquele poço mesmo que ele queria dirigir-se.

Ergui o balde até os seus lábios. Ele bebeu. Seus olhos cerraram-se. Era como uma solene bebida num festim. Aquela água, na verdade, era diferente das bebidas comuns. O seu gosto provinha da caminhada à luz das estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços. Fazia bem ao coração, como um presente. Quando eu era pequeno, as luzes da árvore de Natal, a música da Missa do Galo, a ternura das faces sorridentes, formavam, assim, o resplendor dos presentes que eu recebia.

– Os homens com quem você convive – disse o pequeno príncipe – cultivam cinco mil rosas no mesmo jardim, e ali não encontram o que procuram.

– Não encontram – repeti eu.

– E o que eles procuram poderia ser achado numa simples rosa, ou num pouco d'água.

– Sim, é verdade – disse eu.

E o pequeno príncipe acrescentou:

– Mas os olhos são cegos. Só se vê com o coração...

Eu tinha bebido a água. Respirava com facilidade. Ao raiar do Sol, a areia é cor de mel. E aquela cor de mel me fazia feliz, também. Por que motivo, então, aquele sentimento de pesar?

– Você tem de cumprir a sua promessa – disse o pequeno príncipe, baixinho, sentando-se de novo ao meu lado.

– Que promessa?

– Você sabe... uma focinheira para o meu cordeirinho... Eu sou responsável por aquela flor...

Tirei do bolso os meus desenhos. O pequeno príncipe olhou-os e disse, a rir:

– Os seus baobás são um pouco parecidos com... couves.

– Oh!

E eu que estava tão orgulhoso dos meus baobás!

– E a sua raposa, então? As orelhas dela parecem chifres. E estão compridas demais.

E riu de novo.

– Tu não estás sendo justo, pequeno príncipe – disse eu. – Eu nada sei desenhar, a não ser boas pelo lado de fora e boas pelo lado de dentro.

– Oh! Está muito bem – disse ele. – As crianças compreendem.

Desenhei, pois, a focinheira que ele me pedia. E, enquanto lhe entregava, sentia o coração partido.

– Tu tens algum plano que eu não conheço... – disse-lhe eu.

Mas ele não respondeu. Disse outra coisa:

– Você sabe... a minha descida à Terra... Amanhã fará um ano.

E, após um silêncio, continuou:

– Eu desci muito perto daqui.

E enrubesceu.

Mais uma vez, sem que soubesse por que, tive um sentimento de mágoa. Ocorreu-me, no entanto, uma pergunta:

– Não foi, então, por acaso que na manhã em que te encontrei, há uma semana, andavas vagueando sozinho, a mil léguas de qualquer região habitada? Vinhas regressando ao lugar onde desceste?

O pequeno príncipe corou de novo. E eu acrescentei, após alguma hesitação:

– Seria por causa do aniversário da descida?

O pequeno príncipe ficou vermelho outra vez. Ele nunca respondia a perguntas. Mas, quando a gente enrubesce, não quer dizer que sim?

– Ah! – disse-lhe eu. – Estou receoso...

Mas ele interrompeu-me:

– Agora você deve trabalhar. Deve voltar à sua máquina. Esperarei aqui por você. Volte amanhã à tarde...

Mas eu não estava tranquilo. Lembrava-me da raposa. A gente corre o risco de sofrer um pouco, quando se deixa domesticar...

XXVI

PERTO DO POÇO HAVIA UM VELHO MURO EM RUÍNAS. Quando eu voltava de meu trabalho, na tarde seguinte, avistei de alguma distância o meu pequeno príncipe sentado no alto daquele muro, com os pés a balouçar. E ouvi-o dizer:

– É que tu não te lembras. Este não é o lugar exato.

Eu continuava a caminhar em direção ao muro. E não via nem ouvia ninguém. Mas o pequeno príncipe replicou outra vez:

– É isto mesmo. Verás onde começa o meu rastro na areia. Só o que tens a fazer é esperar por mim. Estarei lá hoje à noite.

Eu estava apenas a vinte metros do muro e ainda não via coisa alguma.

Após uma pausa, o pequeno príncipe falou de novo:

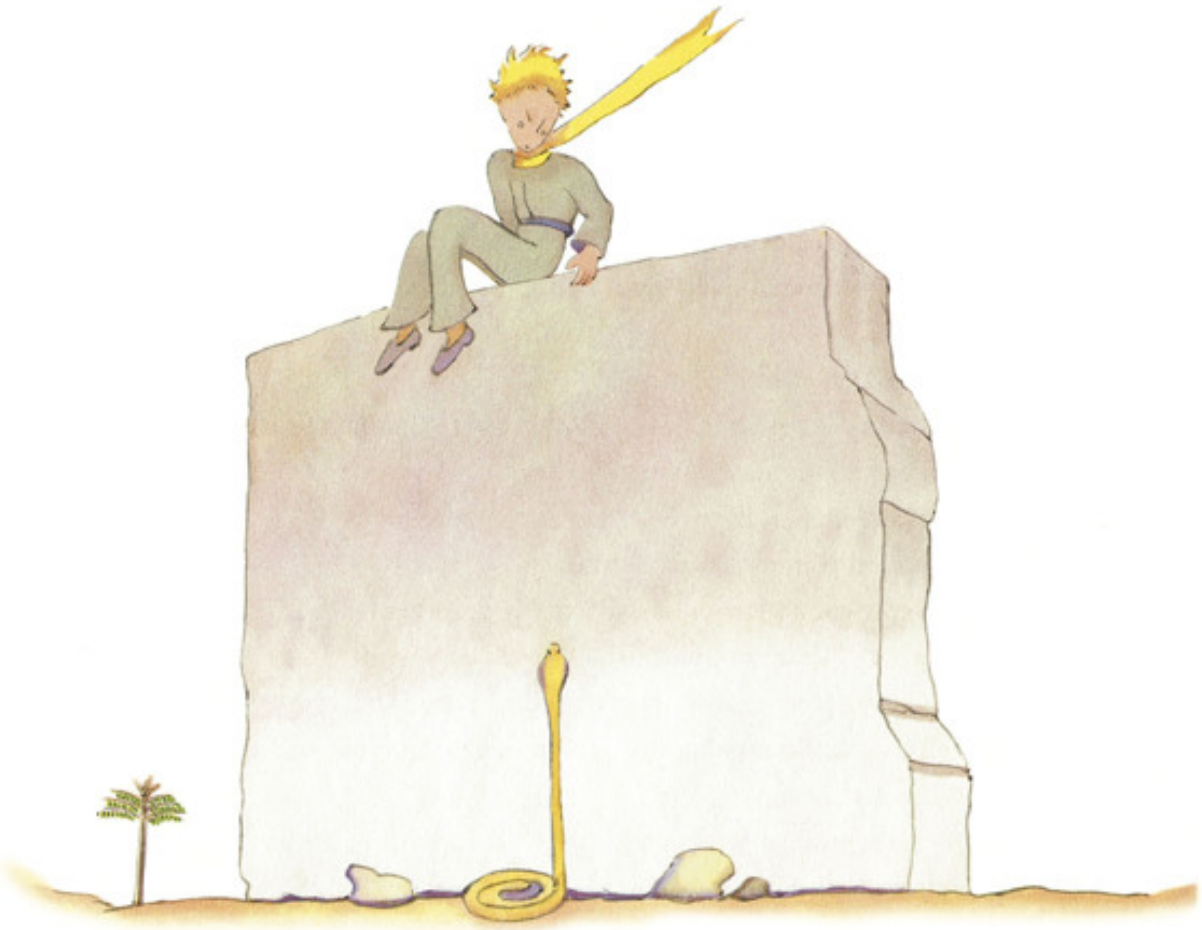
– Tens um bom veneno? Estás certa de que não me farás sofrer muito?

Estaquei, com um choque no coração; mas ainda não compreendia nada.

– Agora vai-te – disse o pequeno príncipe. – Eu quero descer do muro.

Baixei os olhos, então, para a base do muro e dei um salto. Ali, defrontando o pequeno príncipe, estava uma dessas serpentes amarelas que levam apenas trinta segundos para dar cabo de uma

vida. Mesmo enquanto procurava o revólver no bolso, eu não pude evitar um prudente recuo. Mas, ao ruído que eu fizera, a serpente deslizou rápida pela areia, como um fio d'água que desaparece, sumindo-se, com um som metálico, entre as pedras.



Alcancei o muro a tempo de amparar nos braços o meu pequeno príncipe; a sua face estava branca como a neve.

– Que significa isso? – perguntei. – Por que estavas a falar com serpentes?

Eu desatava o lenço cor de ouro que ele sempre usava. Umedecera-lhe as têmporas e dera-lhe a beber um pouco d'água. E agora não me atrevia a fazer-lhe mais perguntas. Ele me fitava gravemente e enlaçara os braços em meu pescoço. Eu sentia o seu coração bater, como o de um pássaro mortalmente ferido...

– Estou contente que você haja consertado o seu aparelho – disse ele. – Agora pode voltar para casa...

– Como sabes disso?

Eu ia justamente contar-lhe que o meu trabalho fora bem-sucedido, além das melhores esperanças.

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

– Eu também volto para casa hoje...

E, depois, tristemente:

– É muito mais longe... muito mais difícil...

Eu compreendi que alguma coisa de extraordinário estava acontecendo. E segurava-o bem apertado em meus braços, como se ele fosse uma criancinha. E parecia-me que ele ia arrojar-se num abismo e que eu nada podia fazer para retê-lo...

O seu olhar era sério, sério, como que perdido por muito longe.

– Eu tenho o teu cordeirinho. E tenho a caixa do cordeirinho. E tenho a focinheira...

E sorriu-me tristemente.

Esperei muito tempo. Ele parecia ir revivendo pouco a pouco.

– Meu menino – disse lhe eu –, tu estás com medo...

Que ele estava com medo, não havia dúvida. Mas riu alegremente:

– Eu estarei com muito mais medo esta noite...

Fui de novo tomado por um sentimento estranho, o sentimento de alguma coisa irreparável. E havia um pensamento que eu não podia suportar – o pensamento de nunca mais ouvir aquele riso. Aquele riso que era para mim como uma fonte de água fresca no deserto...

– Meu menino – disse-lhe eu –, quero ouvir de novo o teu riso.

Mas ele disse-me:

– Esta noite, fará um ano... A minha estrela, então, ficará exatamente acima do lugar em que eu desci à Terra, no ano passado...

– Meu menino, dize-me que isso é apenas um pesadelo... Essa história da cobra, e do lugar de encontro, e da estrela...

Mas ele não atendeu e falou noutra coisa:

– O que mais importa é aquilo que não se vê...

– Sim, eu sei...

– Assim é com a flor. Se a gente ama a flor que vive em uma estrela, como é bom olhar o céu à noite! Todas as estrelas estarão em flor...

– Sim, eu sei...

– Assim é com a água. Por causa da roldana e da corda, a água que você me deu a beber era como uma música. Recorda? Que bom que era!

– Sim, eu sei...

– E de noite você olhará as estrelas. Lá onde eu vivo, tudo é tão pequeno que não posso mostrar onde será encontrada a minha

estrela. É melhor assim. A minha estrela poderá ser qualquer uma das estrelas para você. E assim você gostará de olhar para todas as estrelas no céu... Todas serão suas amigas... E, depois, eu vou fazer-lhe um presente...

Ele riu de novo.

– Ah, pequeno príncipe, meu querido príncipe! Como eu gosto de ouvir esse riso!

– Pois é esse o meu presente. Exatamente esse. Será como da vez em que bebemos aquela água...

– Que queres tu dizer?

– Todos os homens têm as estrelas – respondeu ele. – Mas as estrelas não são a mesma coisa para todos os homens. Para alguns, os viajantes, as estrelas são guias. Para outros não passam de coisinhas que brilham no céu. Para outros, os sábios, são problemas. Para o homem de negócios eram riquezas. Mas essas estrelas são todas silenciosas. Você... apenas você... terá estrelas como ninguém nunca as teve...

– Que queres tu dizer?

– Em uma das estrelas estarei vivendo. Em uma delas estarei eu rindo. E, quando à noite você olhar para o céu, será como se todas as estrelas rissem... Você... apenas você... terá estrelas que podem rir!

E ele riu de novo.

– E quando a sua tristeza se aliviar (pois o tempo alivia todas as tristezas) você ficará contente de me haver conhecido. Será sempre meu amigo. Desejará rir comigo. E muitas vezes abrirá a sua janela só para ter essa alegria... E os seus amigos ficarão pasmados ao vê-lo

assim a rir para o céu! Então você lhes dirá: “Sim, as estrelas sempre me fazem rir!”. E eles pensarão que você está maluco. E será uma boa peça que eu pregarei a você, não acha?

E riu de novo.

– É como se, em vez de estrelas, eu lhe desse uma infinidade de pequenos sinos que soubessem rir...

E riu de novo. Depois ficou subitamente sério.

– Esta noite... você já sabe... Não venha.

– Eu não te deixarei – disse eu.

– Parecerei estar sofrendo. Parecerei, até, estar morrendo. É assim mesmo. Não venha ver. Não vale a pena...

– Eu não te deixarei.

Mas ele estava aflito.

– Eu lhe digo... É também por causa da cobra. Ela não deve mordê-lo. As cobras são uns bichos muito malignos. Essa pode morder você por pura brincadeira...

– Eu não te deixarei.

Mas um pensamento tranquilizou-o:

– É verdade que elas não têm veneno para uma segunda mordida...

Naquela noite eu não o vi partir. Separou-se de mim sem o mínimo ruído. Quando consegui alcançá-lo, ele seguia direto para a frente, com um passo rápido e resoluto. Limitou-se a dizer-me:

– Ah! você está aí...

E tomou-me pela mão. Mas ainda estava aborrecido.

– Você fez mal em vir. Vai afligir-se. Parecerá que eu estou

morrendo, mas não será verdade...

Eu não disse nada.

– Você compreende... Fica muito longe. Eu não posso carregar este corpo comigo. É pesado demais.



Eu não disse nada.

– Mas será como uma velha casca abandonada. Não têm nada de triste as velhas cascas...

Eu não disse nada.

Ele estava um tanto desanimado. Mas fez mais um esforço.

– Vai ser lindo, sabe? Eu também olharei as estrelas. Todas as estrelas serão poços com velhas roldanas. Todas as estrelas me darão água fresca para beber...

Eu não disse nada.

– Será tão divertido! Você terá quinhentos milhões de pequeninos sinos e eu terei quinhentos milhões de fontes de água fresca...

E ele também não disse nada mais, porque estava chorando.

– É aqui. Deixe-me sozinho.

E sentou-se, porque estava com muito medo, o pobre... Depois disse, de novo:

– Você sabe... a minha flor. Eu sou responsável por ela. E ela é tão frágil! Tão ingênua! Tem quatro espinhos, que de nada servem, para proteger-se contra todo o mundo.



Eu sentei-me também, pois não era capaz de ficar por mais tempo de pé.

– É logo ali... e pronto!

Ele ainda hesitou um pouco. Depois ergueu-se. Deu um passo. Eu

não podia mover-me.

E vi uma tira cor de ouro em volta de seu tornozelo. Ele permaneceu imóvel um instante. Não deu um grito. Tombou tão graciosamente como tomba uma árvore. E não houve nenhum ruído ao menos, por causa da areia.



XXVII

E AGORA JÁ SEIS ANOS SÃO PASSADOS... Eu nunca havia contado esta história. Os companheiros que encontrei na volta ficaram muito satisfeitos ao ver-me com vida. Eu estava triste, mas disse-lhes: “Estou cansado”.

Agora a minha tristeza está suavizada. Quer dizer – não inteiramente. Mas eu sei que ele voltou para o seu planeta, porque não encontrei seu corpo ao raiar do dia. Não era um corpo tão pesado assim... E à noite eu gosto de ouvir as estrelas. São como cinco milhões de pequeninos sinos.

Mas há uma coisa extraordinária... Quando desenhei a focinheira encomendada pelo pequeno príncipe, esqueci-me de acrescentar a correia de couro. Ele nunca poderá amarrá-la no focinho do animal. Ponho-me então a cismar: “Que terá acontecido naquele planeta? Será que o cordeirinho comeu a flor?”.

Às vezes eu digo para mim mesmo: “Certamente não! O pequeno príncipe cobre a flor com a redoma todas as noites e vigia o cordeirinho com todo o cuidado...”. Sinto-me, então, feliz. E há doçura no riso das estrelas.

Mas às vezes também eu digo: “De um momento para outro, a gente se distrai... e é o bastante! Qualquer noite ele esquece a redoma, e o cordeirinho vem, com pés de lã, no escuro...”. E a voz dos sinos se

transforma em pranto...

Aqui há, pois, um grande mistério. Para você, que também ama o pequeno príncipe, e para mim, nada no Universo pode ser o mesmo se algum dia, não sabemos quando, um cordeirinho, que nunca vimos, comeu – ou não? – uma rosa...

Olhe para o céu. Indague consigo mesmo: Sim? Ou não? O cordeirinho comeu a flor? Sim? Não? E você verá como tudo fica diferente...

E a gente grande nunca compreenderá como isto poderá ser uma coisa de tanta importância!



ESTA É, PARA MIM, a mais querida e a mais triste paisagem do mundo. É a mesma do capítulo precedente, mas desenhei-a de novo para imprimi-la na memória de vocês todos.



Foi aqui que o pequeno príncipe apareceu na Terra, e foi aqui que ele desapareceu.

Olhem-na cuidadosamente, para que a possam reconhecer, no caso de viajarem algum dia pelo deserto africano. E se lhes acontecer passarem por este lugar, não se apressem, por favor. Esperem algum tempo, exatamente debaixo da estrela. Depois, se aparecer uma criaturinha que ri, que tem cabelos de ouro e que se recusa a responder perguntas, já saberão quem é. Se isto acontecer, queiram

tranquilizar-me logo. Mandem-me dizer que ele voltou.



ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY,

O AUTOR

ESCRITOR, ILUSTRADOR E PILOTO DE AVIÕES, Antoine de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, França, no dia 29 de junho de 1900.

Após a morte de seu pai, ele, com 5 anos de idade e sua família se mudaram para a casa de seu avô, no sul da França. Pouco tempo depois, seu avô faleceu e a família novamente mudou-se para o castelo de Saint-Maurice-de-Rémes onde a madrinha de sua mãe morava.

Saint-Exupéry e seus irmãos passaram a infância e a adolescência brincando pelos jardins do castelo. E foi neste cenário e na companhia de amigos pilotos que Exupéry voou pela primeira vez, em 1912. E, naquele momento, decidiu que seria piloto de avião.

Estudou no tradicional colégio jesuíta Notre Dame de Saint Croix, em Paris, mas, com o início da primeira guerra mundial, em 1914, Saint-Exupéry foi estudar por 3 anos no colégio dos Maristas, em Friburgo, na Suíça. Com o término da primeira guerra, em 1918, retornou a Paris e tentou ingressar na Escola Naval, porém foi reprovado nos exames e decidiu cursar a Escola de Belas-Artes.

Em 1921, deixou a Escola de Belas-Artes e ingressou no serviço militar, no Regimento de Aviação de Estrasburgo, onde aprendeu a pilotar. Após dois anos no regimento, decidiu aprimorar suas habilidades na aviação e foi para Marrocos, retornando a Paris em

1923, como piloto militar.

Exupéry teve três grandes acidentes em sua carreira de piloto. O primeiro aconteceu logo depois que retornou a Paris, em 1923, no aeroporto de Le Bourget. Teve uma recuperação lenta, o que o impediu de seguir a carreira militar e o obrigou a trabalhar em outras áreas.

Em 1926, publicou sua primeira história, *O Aviador*, texto em que descreve as suas emoções e impressões das experiências de voo quando muito jovem. Também começou a trabalhar como piloto na Latécoère, empresa de aviação que transportava o correio da cidade de Toulouse para Dakar. Em seguida, foi transferido para chefiar o posto de pouso em Cabo Juby (atual Tarfaya), no sul de Marrocos e à beira do deserto.

Exupéry tinha um papel importante: fazer alianças com os habitantes locais para garantir a segurança dos pilotos e aviões que chegavam ao posto. Tarefa executada com sucesso, pois Exupéry tinha o dom da comunicação. Inspirado pela solidão do deserto, ele escreve sua primeira importante obra, *Correio Sul* (1929). O livro traz o relato da solidão e do heroísmo de pilotos que arriscavam a própria vida para cumprir o roteiro da entrega das correspondências que ia do sul da França ao norte da África.



© Tallandier / Bridgeman Images

Os aviadores Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) e Henri Guillaumet (1902-1940) em frente a um avião Latecoere 28 do correio aéreo, em 1929.



© Limot / Bridgeman Images

Cenário do filme *Correio Sul* de Pierre Billon, Marrocos, 1936 (com o avião Latecoere 28-1 "Bourrasque", emprestado pela Air France), baseado na obra de Saint-Exupéry.



© GRANGER / GRANGER — Todos os direitos reservados

O piloto Saint-Exupéry em seu lugar preferido: na cabine do avião.

Ao voltar do Marrocos, Exupéry foi alocado em Buenos Aires, para assumir o cargo de diretor da empresa Aéropostale Argentina – empresa parceira da Latécoère – e participar da implantação da linha de correio aéreo que ia de Natal, no Brasil, até Buenos Aires e depois Santiago do Chile. O tempo que ficou na América do Sul, visitou diversas cidades brasileiras, tendo registros do próprio Exupéry sobre as belezas do Rio de Janeiro. Foi em Buenos Aires que o escritor se apaixonou pela artista plástica Consuelo de Suncín e se casaram um ano depois, na França.

Em seu retorno a Paris, em 1931, publicou *Voo Noturno*, que fez um

enorme sucesso. O livro retoma os relatos do dia a dia dos pilotos da Aéropostale e relata a dificuldade e perigo dos voos noturnos, que até então eram novidade, e das escalas na América do Sul.

Ingressando na Air France em 1935, o piloto tentou quebrar o recorde Paris-Saigon, mas seu avião caiu no deserto. Em 1938, tentou voar de Nova York para a Terra do Fogo, na Argentina, mas o avião se acidentou ao tentar decolar na Guatemala. Ferido nessa tentativa passou um longo tempo convalescendo em Nova York e quase teve o braço amputado.

Em 1939, publicou *Terra dos Homens*, que recebeu o grande prêmio da Academia Francesa e o National Book Award, nos Estados Unidos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, fez parte de um grupo de pilotos de reconhecimento na França (1939-1940) e, em seguida, mudou-se para Nova York. Baseado nesta sua experiência, escreveu *Piloto de Guerra* (1942), *Carta a um Refém* (1942) e *O Pequeno Príncipe* (1943), seu maior sucesso. Um fato curioso é que, diferente de seus outros livros, o Pequeno Príncipe foi um livro praticamente encomendado por seu editor americano, pois Exupéry nunca tinha escrito para o público infantil.

O escritor levou tão a sério a ideia de seu editor que também desenhou as ilustrações de seu texto, criando uma obra produzida inteiramente por ele.

Desolado com a Segunda Guerra Mundial que ainda acontecia e ávido em querer ajudar seu país e seu povo, voltou a integrar o grupo de reconhecimento francês estabelecido em Argel, Norte da África, e, apesar das numerosas lesões e da proibição de voar, Saint-Exupéry

insistiu em realizar missões aéreas. Em 31 de julho de 1944, levantou voo de Borgo, na Córsega, sem nunca chegar a seu destino. Em 2004, os destroços do avião que pilotava foram localizados a poucos quilômetros da costa de Marselha. Seu corpo jamais foi encontrado.

O Pequeno Príncipe foi publicado em Nova York em inglês (1944) e depois em francês em Paris (1946). O autor não viveu para ver sua obra-prima publicada, nem poderia imaginar que se tornaria um sucesso mundial publicado em inúmeras línguas.

A vida de Exupéry sempre foi uma grande aventura, alternando muitos momentos felizes com situações de solidão e reflexão que moldaram o escritor e suas obras. Muitos críticos e leitores que conhecem um pouco da história de vida de Exupéry, afirmam que *O Pequeno Príncipe* é uma autobiografia do escritor, uma vez que a história traz muitas semelhanças com a história de sua vida.



Os Poentes Multiplicados **de um Menino Feliz**

O LIVRO DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY, leve e, ao mesmo tempo, denso, cativante e impregnado de lirismo, obteve do historiador da literatura francesa Pierre-Henri Simon o seguinte elogio: "Um assombroso poema em prosa".[15] Talvez seja possível valorizá-lo mais, denominando-o "O mais surpreendente poema em prosa do século XX".

A fábula apresenta-se como um livro infantil.

A razão disso é que admite duas leituras, em certo sentido opostas: uma leitura *imediata*, semelhante ao saboreio de uma fruta; outra leitura, que poderíamos qualificar de *reflexiva*, que supõe mergulhos de pesca submarina a que são convidados alguns leitores, ao menos os que mostram afinidades com o amigo de Saint-Exupéry, a quem ele homenageou com a dedicatória: "Para Léon Werth, quando ele era criança".

Se Saint-Exupéry tivesse mantido viva sua fé, poder-se-ia, até, juntar à sua dedicatória dois adendos: o de Cristo, que disse: "Se não vos fizerdes como as crianças não entrareis no Reino dos Céus", e a definição de Baudelaire: "A poesia é a infância reencontrada".

Eis um resumo de sua fábula: o pequeno príncipe, tendo emigrado de um asteroide para o planeta Terra, encontra no deserto do Saara um aviador acidentado. Depois de manter com ele uma série de

diálogos interessantíssimos, relata ao aviador suas viagens aos planetas vizinhos ao seu, antes da chegada à Terra. Esbarra primeiro num rei, cuja obsessão era “mandar”. No segundo planeta, vê diante de si um homem vaidoso, “para quem todos os outros homens eram seus admiradores”. Prosseguindo, chega a um planeta habitado por um beberrão, que “bebia para esquecer”. “Esquecer o quê”, pergunta-lhe o pequeno príncipe. “Esquecer que estou envergonhado”, diz o beberrão. Comentário do pequeno príncipe: “Essa gente grande é bastante esquisita!”. No quarto planeta, o visitante encontra um homem de negócios, preocupado unicamente com suas contas; um tipo que se gaba de ser proprietário de estrelas, dado que fora o primeiro a pensar em possuí-las. Já no quinto planeta, aparece-lhe um acendedor de lampiões, preocupado em obedecer cegamente: “Ordens são ordens”, dizia. Por último, o pequeno príncipe chega ao sexto planeta, onde vivia um velho senhor que escrevia enormes livros. Era um geógrafo! Afinal, pensa o pequeno príncipe, tal indivíduo talvez seja um “explorador”, e devido a isso se ocupará com coisas de importância. O geógrafo não o satisfaz, mas tem o mérito de recomendar-lhe que visite o sétimo planeta, a Terra.

No planeta Terra, eis o pequeno príncipe no deserto, inesperadamente diante de dois seres estranhos: uma cobra e uma raposa. A cobra simpatiza com o pequeno visitante, e dispõe-se a ajudá-lo. Como o pequeno príncipe se sentia muito só no deserto, resolveu subir uma montanha à procura dos homens. Lançou dali um grito, ao qual o eco respondeu: “Estou sozinho, sozinho, sozinho”. Resolveu caminhar mais um pouco e topou então com uma raposa,

que lhe ensinou “a arte de fazer amigos”, ou seja, a arte de “estreitar laços”, de “domesticar”. A raposa explicou-lhe, também, que as rosas, cada uma por si, eram únicas. Por fim, intrigou-o dizendo-lhe que possuía um “segredo”, mas que só o revelaria mais tarde.

Notemos que a poesia sutil de Saint-Exupéry às vezes pode despistar-nos. Saint-Exupéry prefere deixar sua “parábola” (o livro já foi assim denominado) pontilhada de enigmas, que atiçam a imaginação dos leitores, obrigando-os a uma espécie de coautoria.

Como classificar tão maravilhoso poema?

Será “alegre” ou ilusoriamente vestido com “o véu diáfano da fantasia”, porém com uma polpa que contém algo “dolorosamente humano”?

A cada um é permitido fazer sua leitura pessoal, adaptar a moldura psicológica do autor às dimensões da própria sensibilidade.

No que me concerne, sempre considerei *O Pequeno Príncipe* uma parábola de desafio ao homem semirrobotizado de nossa sociedade moderna, ao homem que leva uma vida egocêntrica e consumista, sendo incapaz de solidarizar-se com os ofendidos e humilhados.

Saint-Exupéry, aliás, deixou escrito:

> – *A dor de um único homem equivale à dor do mundo* inteiro.[16]

Complementando a frase anterior, ele acrescentou:

> – *Cada um de nós é responsável por* todos.[17]

O fato indiscutível é que *O Pequeno Príncipe* é um livro que não só diverte e enternece, e por isso foi lido por milhões de pessoas em mais de 100 idiomas, mas se oferece, também, como um livro que nos

interroga e continua a suscitar em nós novas interrogações. Traz-nos, nas entrelinhas, a certeza de que a solução dos impasses, mesmo parcial, constitui uma "Vereda" no "Grande Sertão" da vida. Tal vereda, se não nos conduz diretamente à felicidade que imaginamos, talvez acabe por conduzir-nos a "outra" felicidade, a da recuperação de nossa infância. Esta contém, germinalmente, a felicidade que está ao alcance dos adultos. A existência humana, para ser plena, consiste em amar as pessoas e o mundo e dedicar-se concretamente ao trabalho social, nunca esquecendo que nenhum de nós, como diz Saint-Exupéry, possui "o monopólio da pureza de intenção".[18]

À Editora Melhoramentos cabe o mérito de ter preservado um tesouro: a tradução, não só impecável, mas deliciosamente flexível, de Mário Quintana, realizada na década de 1940.



Quem no Brasil poderia transpor melhor para o português o estilo de Saint-Exupéry, além do poeta de *A Rua dos Cataventos*, que o fez exigindo para sua versão o mesmo rigor que "se impunha a si mesmo"? Ninguém desconhece que o poeta gaúcho burilou, num de seus sonetos, a regra de ouro de sua vida de escritor:

– Que linda a Eternidade, amigos mortos,
para as torturas lentas da expressão...[19]

Em qualquer tradução, o responsável por ela assume provisoriamente a função de autor. Carrega nos ombros a responsabilidade de produzir um texto novo, ou seja, a obrigação de ser ele mesmo autor; porém autor na sua língua materna. Isto é bastante complicado. Já se inventou, até, um ditado para denunciar a quase impossibilidade de tal substituição: "tradutor-traidor".

Tentemos descrever sumariamente o estilo de Saint-Exupéry.

É possível atribuir-se ao estilo de Saint-Exupéry três qualidades, as quais parecem estar associadas com sua vivência de pioneiro da aviação:

I. Simplicidade.

II. Transparência.

III. Luminosidade.

Antes de tudo, a linguagem de Saint-Exupéry evoca a experiência de um indivíduo acostumado a ver o mundo do alto das nuvens. Com efeito, aos olhos de um aviador as coisas simplificam-se. Perdem o espetáculo de sua multiplicidade, recolhem-se ao mistério de sua "simplicidade".

Vejamos o que ele escreve no seu romance *Voo Noturno*:

> *"Numa área de duzentos quilômetros, nem um homem mais, nem um sopro de vida, nem um esforço. Só arestas verticais, que as asas roçam a seis mil metros de altitude, e mantos de pedra, cortados a pique, uma extraordinária e imensa* tranquilidade".[20]

Passemos à segunda qualidade de seu estilo: a "transparência". Esta pode ser relacionada com a água e com a sede que Saint-Exupéry e seu mecânico experimentaram ao sofrer uma pane no deserto, sendo ambos constrangidos a enfrentar alguns dias de caminhada em busca de socorro. Um fragmento do romance *Terra dos Homens* quase nos faz "reexperimentar" o incrível sofrimento que torturou esses homens em pleno Saara:

> *"De manhã cedinho recolhemos sobre as asas, com um pano, um pouquinho de orvalho sujo de tinta e de óleo. Seu gosto é horrível, mas bebemos. Assim pelo menos molhamos os* lábios".[21]

Tais linhas constituem uma apologia da importância da água e de sua transparência, que se transferiram ao estilo do autor.

Atrevo-me, finalmente, a associar o estilo de Saint-Exupéry a uma terceira qualidade: a "luminosidade".

O escritor confidenciou, certa vez, à sua mãe:

> *"– Agora escrevo um livro, o* Voo da Noite. *Mas, em seu sentido íntimo, é um livro sobre a noite. (Nunca vivi, a não ser depois das nove horas da noite.)*

No mesmo romance, o escritor atribui a outro piloto a seguinte efusão emotiva:

> *"Foi imensa a sua surpresa: a claridade era tal que o ofuscava. Teve de fechar os olhos durante alguns segundos. Nunca imaginara que de noite as nuvens pudessem ofuscar. Mas o plenilúnio e todas as constelações transformavam-nas em vagas deslumbrantes.* [...].[22]

Não é preciso enfatizar que tais qualidades de estilo brilham em *O Pequeno Príncipe*.

São elas que fizeram de Saint-Exupéry um "clássico".

Não admira que sua obra-prima tenha sido vertida para o português por vários autores. Tais versões merecem nosso respeito. Mas, para um autor atingir o grau de excelência total do texto de Saint-Exupéry, é preciso que ele, além de sua competência, seja dotado de uma chispa de gênio .

Eis por que a versão de *O Pequeno Príncipe* de Mário Quintana pode ser saudada como um acontecimento literário.

Ao traduzir *O Pequeno Príncipe*, Quintana já tinha a seu favor o tirocínio de um tradutor profissional. Aproveitou-se de sua longa experiência nesse ofício (na época verteu para o português mais de 110 obras da literatura universal, tanto do francês como do inglês: traduziu Voltaire, Maupassant, Marcel Proust, Graham Greene e dezenas de outros). Quintana conferiu à sua versão um "gosto" que dificilmente se encontra em obras congêneres e que está associado à sua "expressão coloquial". Isso faz com que sua versão consiga, ao mesmo tempo, ser "a linguagem da tribo" e a linguagem que guarda também "algo de seu silêncio".

Resumindo: Quintana não "traduziu" *O Pequeno Príncipe* apenas com as qualidades de estilo do autor; ele soube torná-lo tão brasileiro quanto possível. Também o tornou tão "pessoal" quanto lhe permitia a obra.

A tradução do poeta gaúcho, no fundo, pode também ser considerada uma corbelha em prosa de seus "quintanares".

Conhecemos várias versões brasileiras de *O Pequeno Príncipe* e reconhecemos em todas qualidades literárias. Ao cotejarmos, porém, tais traduções com a de Mario Quintana, confrontando, em especial, os capítulos finais da obra, a partir do seu ponto considerado de maior intensidade, o capítulo XXI (*onde o Pequeno Príncipe dialoga com a Raposa*) até ao capítulo XXVII, a superioridade estilística de Quintana, em nossa opinião, se impõe. Quintana é único por sua precisão vocabular, naturalidade de expressão, fluência e musicalidade do fraseado, e carga de sugestão poética do conjunto.

ARMINDO TREVISAN

Armindo Trevisan nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1933. É teólogo, poeta, crítico de arte e ensaísta. Formou-se em Teologia, em 1958. Doutorado em Filosofia pela Universidade de Fribourg, Suíça, em 1963, atuou como professor adjunto de História da Arte e Estética na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, de 1973 a 1986. Lecionou, também, no curso de pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS até 2000.

Como poeta, foi escolhido patrono da 47ª Feira do Livro de Porto Alegre. Foi vencedor de vários prêmios de poesia, entre eles: Prêmio Nacional de Poesia Gonçalves Dias, da União Brasileira de Escritores, de 1964 pelo livro *A Surpresa de Ser*, Prêmio Nacional de Brasília, para poesia inédita, "O Abajur de Píndaro", em 1972; Prêmio APLUB de Literatura pelo livro *A Dança do Fogo*, em 1997.

[15] Pierre-Henri Simon. *Histoire de La Littérature Française au XX Siècle (1900-1950)*. Volume II. Quatrième édition. Paris: Librairie Armand Colin, 1958. p. 157.

[16] Citado por Louis Chaigne. *Vies et Oeuvres d'Écrivains*. Paris: Éditions Lanore, 1952. p. 69.

[17] Citado por Pierre de Boisdeffre. *Metamorphose de la Littérature*. Cinquième édition. Volume II. Paris: Éditions Alsatia, 1963. p. 468.

[18] Antoine de Saint-Exupéry. "Carta a um Refém". In: *Cartas do Pequeno Príncipe*. Tradução de Magda Soares Guimarães. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960. p. 27.

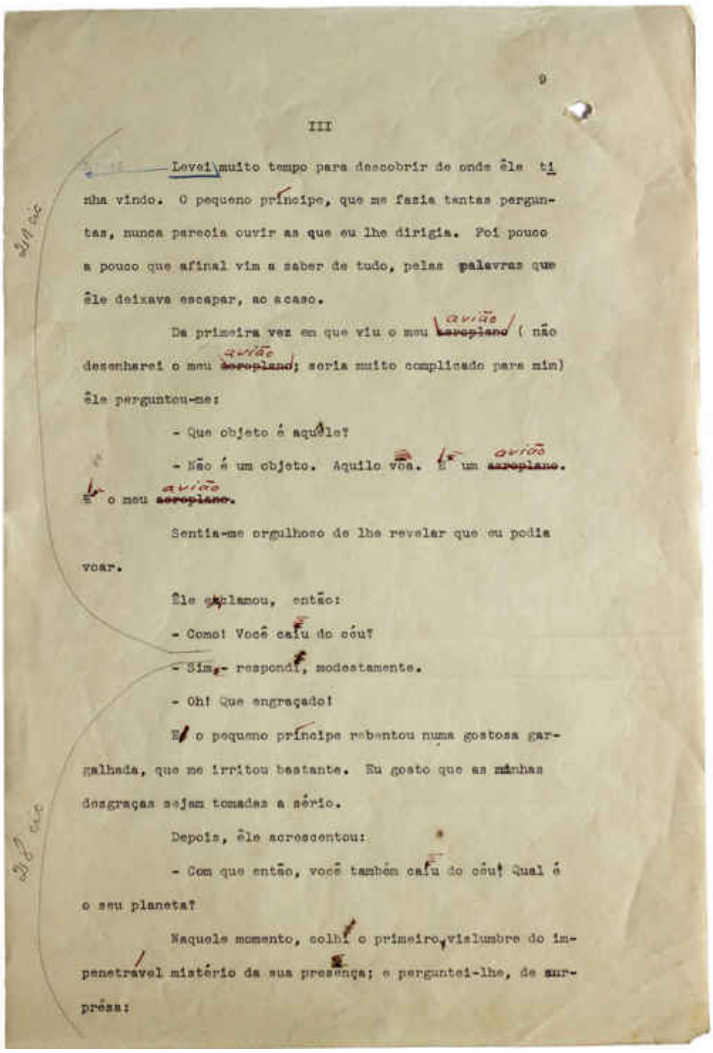
[19] Mário Quintana. Soneto XXXV. In: *Poesia Completa*. (Organização, preparação do texto, prefácio e notas de Tânia Franco Carvalhal). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 121.

[20] Antoine de Saint-Exupéry. *Voo Noturno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 29.

[21] Antoine de Saint-Exupéry. *Terra dos Homens*. Tradução de Rubem Braga. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 109.

[22] Antoine de Saint-Exupéry. *Voo Noturno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 107-108.

Mergulhando nos **originais da tradução**



9

III

Levei muito tempo para descobrir de onde êle tinha vindo. O pequeno príncipe, que me fazia tantas perguntas, nunca parecia ouvir as que eu lhe dirigia. Foi pouco a pouco que afinal vim a saber de tudo, pelas palavras que êle deixava escapar, ao acaso.

Da primeira vez em que viu o meu ~~aeroplano~~ avião (não desenharei o meu ~~aeroplano~~ avião; seria muito complicado para mim) êle perguntou-me:

- Que objeto é aquêle?

- Não é um objeto. Aquilo voa. É um ~~aeroplano~~ avião. É o meu ~~aeroplano~~ avião.

Sentia-me orgulhoso de lhe revelar que eu podia voar.

Êle exclamou, então:

- Como! Você caiu do céu?

- Sim, - respondi, modestamente.

- Oh! Que engraçado!

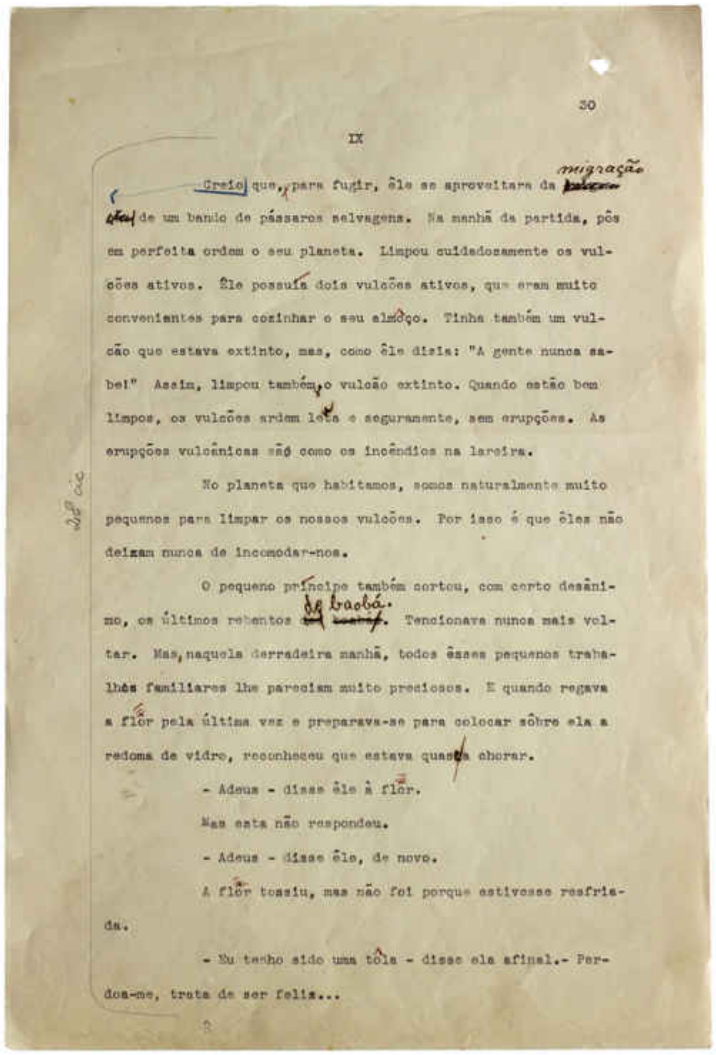
E o pequeno príncipe rebentou numa gostosa gargalhada, que me irritou bastante. Eu gosto que as minhas desgraças sejam tomadas a sério.

Depois, êle acrescentou:

- Com que então, você também caiu do céu! Qual é o seu planeta?

Naquele momento, colhi o primeiro vislumbre do impenetrável mistério da sua presença; e perguntei-lhe, de surprêsa:

Na releitura da própria tradução, Quintana escolheu utilizar o sinônimo de “aeroplano”, “avião”.



30

IX

Creio que, para fugir, êle se aproveitara da imigração de um bando de pássaros selvagens. Na manhã da partida, pôs em perfeita ordem o seu planeta. Limpou cuidadosamente os vulcões ativos. Êle possuía dois vulcões ativos, que eram muito convenientes para cozinhar o seu almôço. Tinha também um vulcão que estava extinto, mas, como êle dizia: "A gente nunca sabe!" Assim, limpou também o vulcão extinto. Quando estão bem limpos, os vulcões ardem lenta e seguramente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como os incêndios na lareira.

No planeta que habitamos, somos naturalmente muito pequenos para limpar os nossos vulcões. Por isso é que êles não deixam nunca de incomodar-nos.

O pequeno príncipe também cortou, com certo desânimo, os últimos rebentos do baobá. Tencionava nunca mais voltar. Mas, naquela derradeira manhã, todos êsses pequenos trabalhos familiares lhe pareciam muito preciosos. E quando regava a flôr pela última vez e preparava-se para colocar sôbre ela a redoma de vidro, reconheceu que estava quase a chorar.

- Adeus - disse êle à flôr.

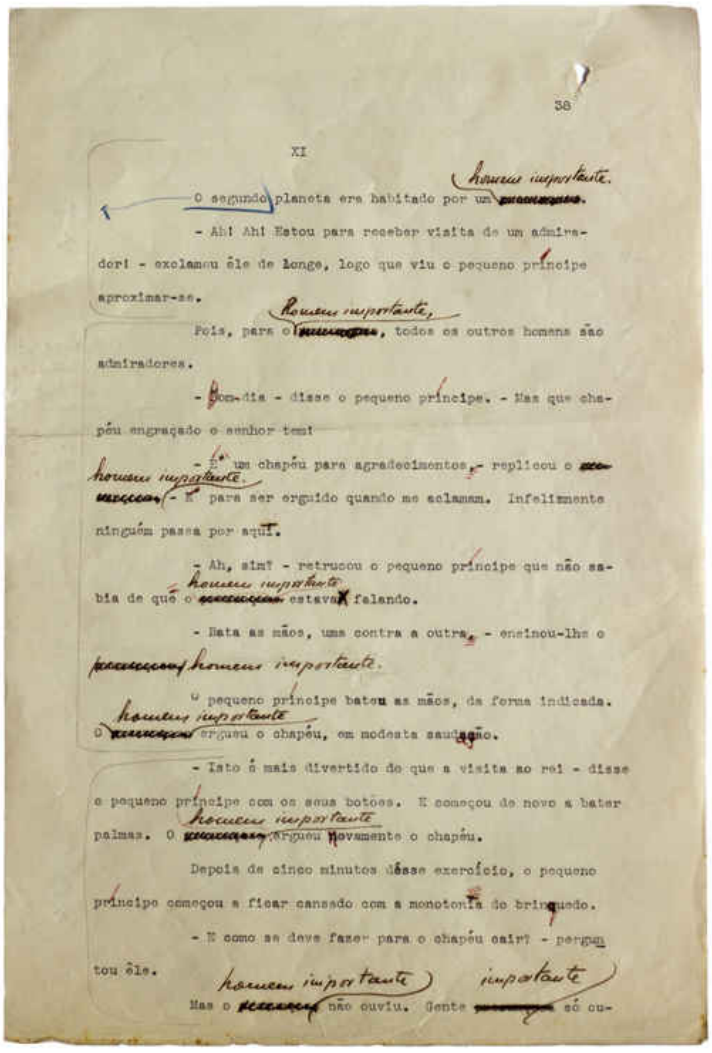
Mas esta não respondeu.

- Adeus - disse êle, de novo.

A flôr tossiu, mas não foi porque estivesse resfriada.

- Eu tenho sido uma tôla - disse ela afinal.- Perdoa-me, trata de ser feliz...

Erros de datilografia corrigidos manualmente por Mario: “imigração” por “migração” e “boabá” por “baobá” – substituição que aconteceu de maneira recorrente no livro.



38

XI

O segundo planeta era habitado por um homem importante.

- Ah! Ah! Estou para receber visita de um admirador! - exclamou êle de longe, logo que viu o pequeno príncipe aproximar-se.

Pois, para o homem importante, todos os outros homens são admiradores.

- Bom dia - disse o pequeno príncipe. - Mas que chapéu engraçado o senhor tem!

- É um chapéu para agradecimentos - replicou o homem importante. - É para ser erguido quando me aclamam. Infelizmente ninguém passa por aqui.

- Ah, sim? - retrucou o pequeno príncipe que não sabia de quê o homem importante estava falando.

- Bata as mãos, uma contra a outra - ensinou-lhe o homem importante.

O pequeno príncipe bateu as mãos, da forma indicada. O homem importante ergueu o chapéu, em modesta saudação.

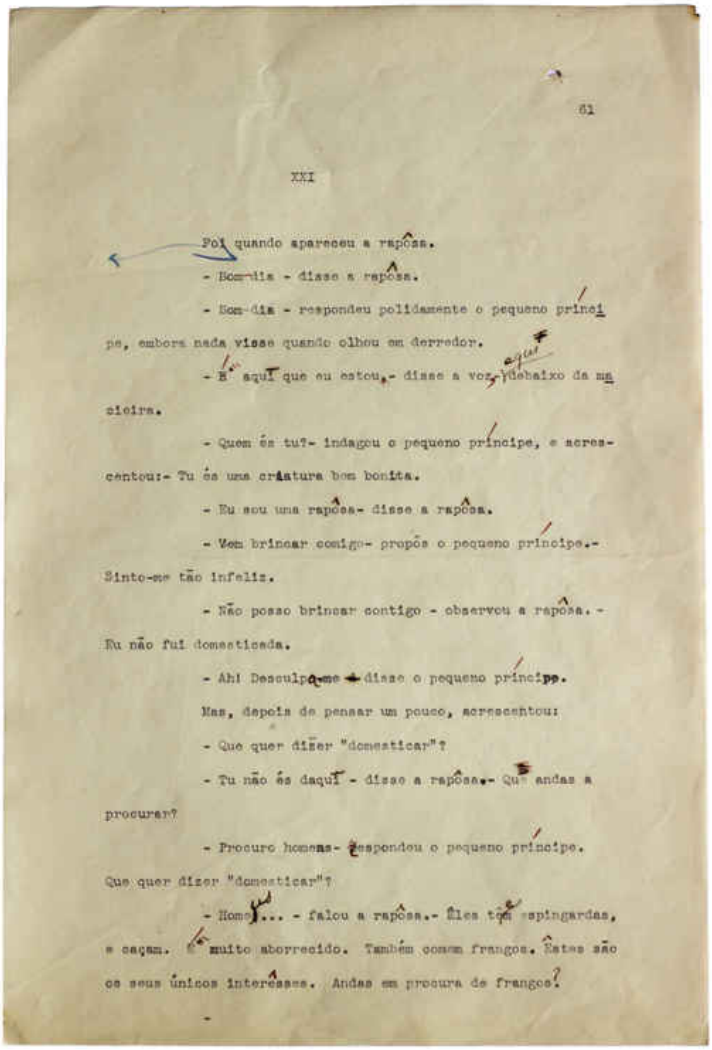
- Isto é mais divertido do que a visita ao rei - disse o pequeno príncipe com os seus botões. E começou de novo a bater palmas. O homem importante ergueu novamente o chapéu.

Depois de cinco minutos dêsse exercício, o pequeno príncipe começou a ficar cansado com a monotonia do brinquedo.

- E como se deve fazer para o chapéu cair? - perguntou êle.

Mas o homem importante não ouviu. Gente importante só ou-

A cada parágrafo uma reflexão. Qual foi a intenção ao trocar o adjetivo “presunçoso” por “homem importante”? No original em francês “vaniteaux” significa “presunçoso”, e no inglês “conceited man” pode ser traduzido como “homem presunçoso”. Será que Quintana queria que o leitor concluísse que o homem se tratava de um pretensioso, presunçoso?



61

XXI

Foi quando apareceu a raposa.

- Bom-dia - disse a raposa.

- Bom-dia - respondeu polidamente o pequeno princi
pe, embora nada visse quando olhou em derredor.

- Estou aqui que eu estou, - disse a voz debaixo da ma
cieira.

- Quem és tu?- indagou o pequeno príncipe, e acres-
centou:- Tu és uma criatura bem bonita.

- Eu sou uma raposa- disse a raposa.

- Vem brincar comigo- propôs o pequeno príncipe.-
Sinto-me tão infeliz.

- Não posso brincar contigo - observou a raposa. -
Eu não fui domesticada.

- Ah! Desculpe-me - disse o pequeno príncipe.
Mas, depois de pensar um pouco, acrescentou:

- Que quer dizer "domesticar"?

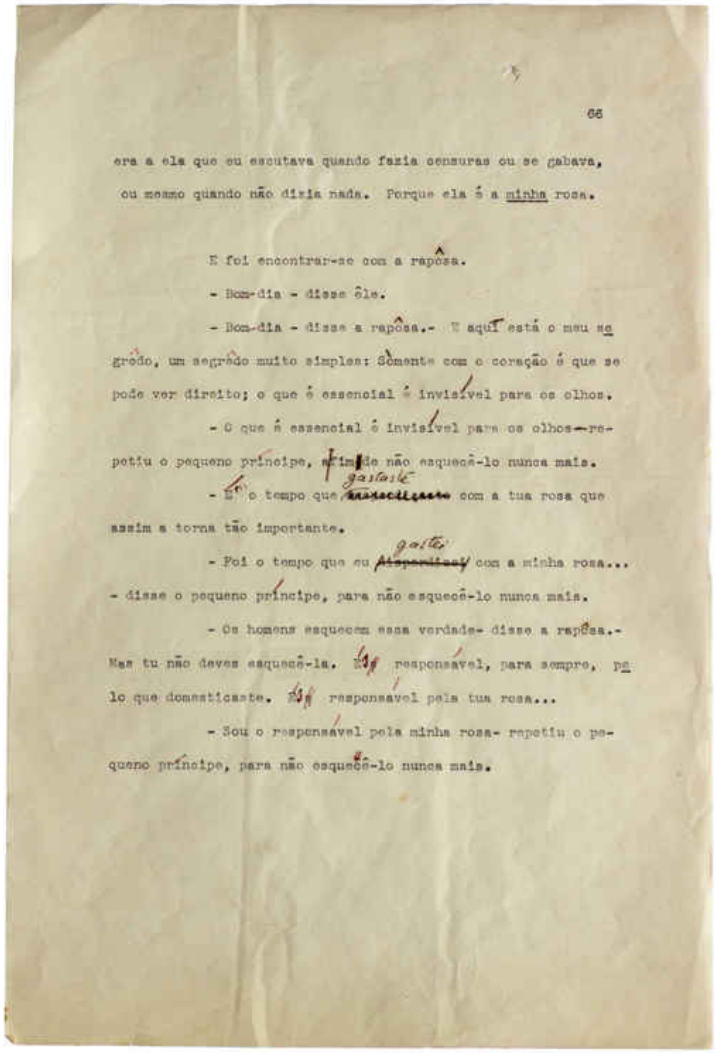
- Tu não és daqui - disse a raposa.- Que andas a
procurar?

- Procuro homens- respondeu o pequeno príncipe.
Que quer dizer "domesticar"?

- Homens... - falou a raposa.- Eles têm espingardas,
e caçam. É muito aborrecido. Também comem frangos. Estes são
os seus únicos interesses. Andas em procura de frangos?

-

É possível também refletir bastante no capítulo XXI, lendo a frase da raposa: “Eu não fui domesticada.”, em que o tradutor escolheu “domesticar” em vez de “cativar”, como é mais comum encontrarmos.



66

era a ela que eu escutava quando fazia censuras ou se gabava, ou mesmo quando não dizia nada. Porque ela é a minha rosa.

E foi encontrar-se com a raposa.

- Bom-dia - disse êle.

- Bom-dia - disse a raposa.- E aquí está o meu segrêdo, um segrêdo muito simples: Sòmente com o coração é que se pode ver direito; o que é essencial é invisível para os olhos.

- O que é essencial é invisível para os olhos—repetiu o pequeno príncipe, a fim de não esquecê-lo nunca mais.

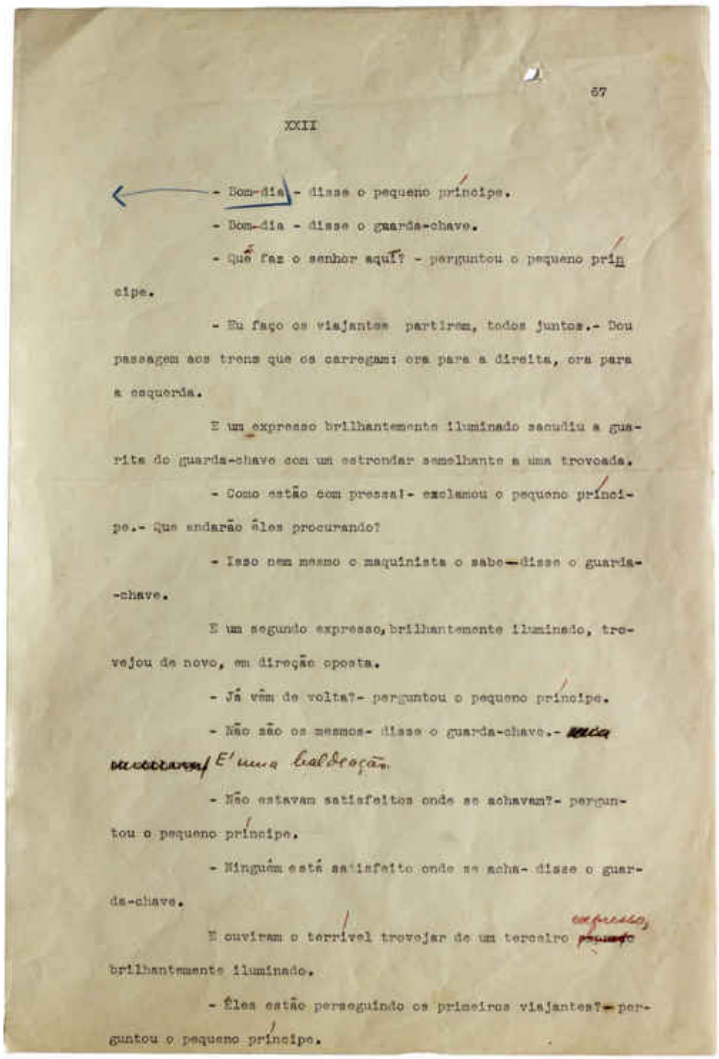
- É o tempo que gastaste com a tua rosa que assim a torna tão importante.

- Foi o tempo que eu gastei com a minha rosa... - disse o pequeno príncipe, para não esquecê-lo nunca mais.

- Os homens esquecem essa verdade- disse a raposa.- Mas tu não deves esquecê-la. Tu és responsável, para sempre, pelo que domesticaste. Tu és responsável pela tua rosa...

- Sou o responsável pela minha rosa- repetiu o pequeno príncipe, para não esquecê-lo nunca mais.

Ainda neste mesmo capítulo, a frase da raposa: “É o tempo que gastaste com a tua rosa que assim a torna tão importante.” Mario trocou manualmente “desperdiçar” por “gastar”; gastar não é perder, refletimos.



67

XXII

- Bom-dia - disse o pequeno príncipe.

- Bom-dia - disse o guarda-chave.

- Que faz o senhor aqui? - perguntou o pequeno príncipe.

- Eu faço os viajantes partirem, todos juntos.- Dou passagem aos trens que os carregam: ora para a direita, ora para a esquerda.

E um expresso brilhantemente iluminado sacudiu a guarita do guarda-chave com um estrondar semelhante a uma trovoada.

- Como estão com pressa!- exclamou o pequeno príncipe.- Que andarão êles procurando?

- Isso nem mesmo o maquinista o sabe—disse o guarda-chave.

E um segundo expresso, brilhantemente iluminado, trovejou de novo, em direção oposta.

- Já vêm de volta?- perguntou o pequeno príncipe.

- Não são os mesmos- disse o guarda-chave.- ~~Não~~ E' uma baldeação.

- Não estavam satisfeitos onde se achavam?- perguntou o pequeno príncipe.

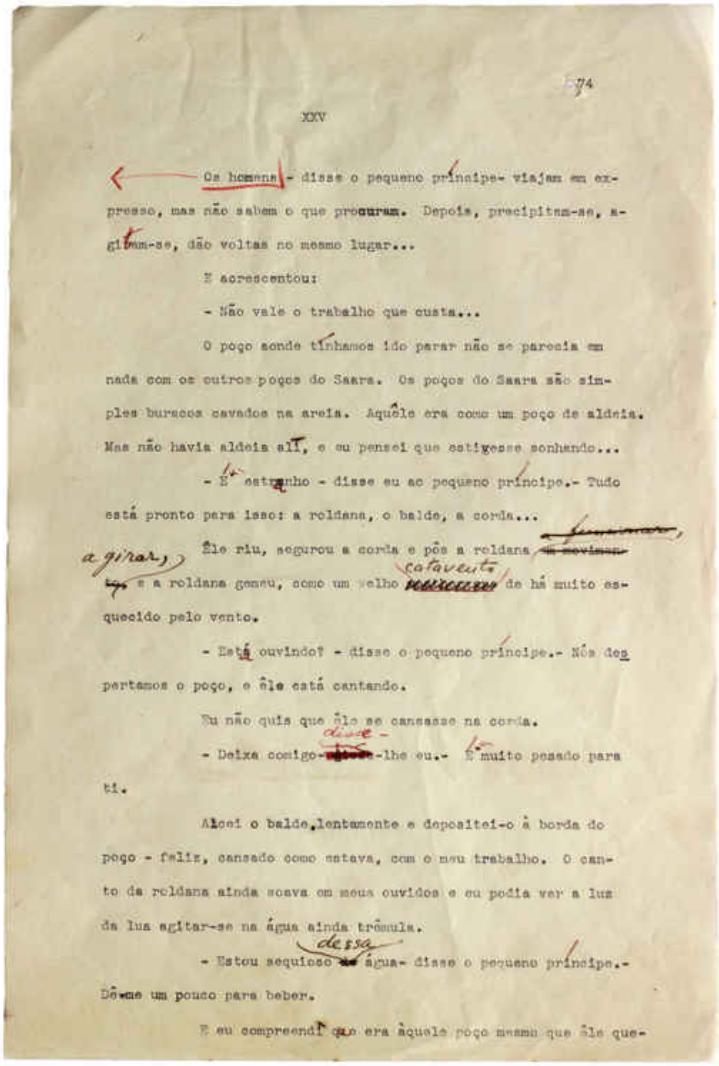
- Ninguém está satisfeito onde se acha- disse o guarda-chave.

E ouviram o terrível trovejar de um terceiro ~~expresso~~ brilhantemente iluminado.

- Êles estão perseguindo os primeiros viajantes?—perguntou o pequeno príncipe.

Dúvidas do tradutor nos fizeram uma revelação: Quintana trabalhou com a edição em inglês. Talvez ele tenha tido acesso à primeira edição do livro, – editado primeiro em inglês – no ano de 1944, nos Estados Unidos, onde residia Saint-Exupéry. Só em 1946 a obra foi publicada na França pela Editora Gallimard.

Neste exemplo, “É uma baldeação” foi traduzido a partir de “It is an exchange”.



74

XXV

Os homens - disse o pequeno príncipe- viajam em expresso, mas não sabem o que procuram. Depois, precipitam-se, agitam-se, dão voltas no mesmo lugar...

E acrescentou:

- Não vale o trabalho que custa...

O poço aonde tínhamos ido parar não se parecia em nada com os outros poços do Saara. Os poços do Saara são simples buracos cavados na areia. Aquêle era como um poço de aldeia. Mas não havia aldeia alí, e eu pensei que estivesse sonhando...

- É estranho - disse eu ao pequeno príncipe.- Tudo está pronto para isso: a roldana, o balde, a corda...

Êle riu, segurou a corda e pôs a roldana a girar, e a roldana gemeu, como um velho cata-vento de há muito esquecido pelo vento.

- Está ouvindo? - disse o pequeno príncipe.- Nós despertamos o poço, e êle está cantando.

Eu não quis que êle se cansasse na corda.

- Deixa comigo - disse-lhe eu.- É muito pesado para ti.

Alcei o balde lentamente e depositei-o à borda do poço - feliz, cansado como estava, com o meu trabalho. O canto da roldana ainda soava em meus ouvidos e eu podia ver a luz da lua agitar-se na água ainda trêmula.

- Estou sequioso dessa água- disse o pequeno príncipe.- Dê-me um pouco para beber.

E eu compreendi o que era àquele poço mesmo que êle que-

Aqui, “cata-vento” foi traduzido a partir de “weathervane”.



O TRADUTOR

O PEQUENO PRÍNCIPE, de Saint-Exupéry, é uma história para pessoas que carecem botar reparo no olho e ver poesia nas coisas aparentemente mais simples, mais banais, mais sem importância do dia a dia. Nesse sentido, o que o poeta Mario Quintana mais fez na vida foi reparar poesia onde ninguém vê. Ele dizia que era um guri que tinha envelhecido de repente. Entretanto, no livro *Velório sem Defunto*, escreveu: "A criança que brinca e o poeta que faz um poema – estão ambos na mesma idade mágica!". E foi assim que o Mario viveu, na idade mágica de quem jamais deixou de olhar para o cotidiano com encantamento, assombro, estranheza.



Eneida Serrano

Espantado com a falta de assombro e estranheza de tanta gente, Mario Quintana escreveu no seu *Caderno H*: "As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada". Da mesma forma, as pessoas sem imaginação podem ter lido os livros

mais surpreendentes, podem ter visitado os escritores mais estranhos, sobretudo esses que também são lidos por crianças, feito o Saint-Exupéry. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Por isso, elas continuam achando que literatura tem faixa etária. Como se um bom livro pudesse ser enfaixado. Como se enxergar elefantes dentro de cobras, ver quarenta e quatro crepúsculos num mesmo dia e conquistar o coração de uma leitora de nove anos fossem gestos fáceis, pequenos, corriqueiros. Na verdade, tudo isso é um bocado difícil, principalmente para quem desaprendeu a ver o cotidiano com fundura de infância mantida.

Quintana era um homem de infância mantida e gostava de transpor para a poesia tudo o que mais via, o que mais sentia, o que mais escutava e não resistia de guardar só para si. Bem, agora fico aqui pensando: o que fez com que o Mario não resistisse em traduzir *O Pequeno Príncipe*? Será que ele já havia lido esse livro antes de traduzi-lo? O que mais passou pela sua cabeça quando entrou de corpo todo na pele do narrador, do autor, do menino que cuidava sozinho de um planeta? Que trechos da história mais deram ao poeta vontade de rabiscar, sublinhar, parar, matutar, sentir?

Gostaria de ter essas respostas, mas também penso que não saber delas me tenta ainda mais a ideia. Afinal, é por não saber que imaginamos, descobrimos, criamos. As crianças não sabem tanto. Por esse motivo, pelo menos enquanto não são corrigidas, enquadradas, tolhidas, engessadas, diminuídas, elas conseguem reparar nas importâncias que estão à nossa volta e que com o tempo deixamos de reparar, por conta das nossas pressas, do nosso medo de errar, das

nossas urgências; do que nos falta, do que nos sobra, de tudo o que nos tira a fantasia, ou seja, de tudo o que rouba nossa essência, nossas verdades íntimas, nossa autenticidade.

Um dos poetas mais autênticos, lidos, citados, relidos e amados da literatura brasileira de todos os tempos, Mario Quintana nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 30 de julho de 1906. "Creio que foi a principal coisa que me aconteceu", ele disse. Convidado uma vez para se apresentar, Mario escreveu: "Sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão". Em 5 de maio de 1994, aos 87 anos, o poeta morre em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Autor de *Esconderijos do Tempo*, *A Vaca e o Hipogrifo*, *Baú de Espantos*, *Lili Inventa o Mundo*, *O Aprendiz de Feiticeiro*, *Da Preguiça como Método de Trabalho* e mais tantos livros confessionais, em *Porta Giratória* ele constatou: "Não é o leitor que descobre o poeta, mas o poeta que descobre o leitor e o revela a si mesmo". Com seu desejo de revelar encantamento para o leitor, além de Saint-Exupéry, Quintana traduziu outros importantes escritores da literatura mundial, entre eles Virginia Woolf, Marcel Proust, André Maurois, Voltaire, Honoré de Balzac, Guy de Maupassant, Graham Greene, Giovanni Papini, Aldous Huxley e Joseph Conrad.

Diretora de teatro e sobrinha-neta do poeta, com quem conviveu bem de perto, Elena Quintana recorda de algumas palavras do tio-avô: "Traduzir é fazer estrear um autor em nova língua". Ela também lembra que, para Mario Quintana, o difícil numa tradução era não

ferir o estilo, a voz do autor. E diz que ele sempre repetia: “Traduzir não é só versar palavras, mas, sim, versar ideias”. Da mesma forma, Elena conta que ele gostava de lembrar que o trabalho de tradutor ajudou muito no seu artesanato com as palavras. Ou será que o artesanato do poeta com as palavras foi que o ajudou muito no seu trabalho de tradutor? De novo, ainda mais interessante do que saber é imaginar. Afinal, como o próprio Quintana escreveu: “O mistério faz parte da beleza”.

MÁRCIO VASSALLO

Márcio Vassallo é jornalista e escritor. Autor de nove títulos de literatura infantil, e de *Mario Quintana*, primeira biografia do poeta gaúcho. Vassallo também escreveu *Para Viver com Poesia*, antologia temática de pensamentos de Quintana, publicada na Itália. Há mais de vinte anos, Márcio Vassallo tem viajado por todas as regiões do Brasil para falar sobre a serventia da poesia e do encantamento na formação de leitores e na vida da gente.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

TRADUÇÃO
Mario Quintana
© *2017 Elena Quintana de Oliveira*

DIGITAÇÃO DA TRADUÇÃO
Dellana Wolney

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
APIS design integrado

CONVERSÃO PARA EPUB
Marina Pastore

© Antoine de Saint-Exupéry
Ilustrações do autor

DIREITOS DE PUBLICAÇÃO
© 2017 Editora Melhoramentos Ltda.
Todos os direitos reservados.

1ª edição digital, outubro de 2017
ISBN: 978-85-06-07325-4 (impresso)
ISBN: 978-85-06-00271-1 (digital)

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
Caixa Postal 11541 – CEP: 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br




JÚLIO
VERNE
VIAGEM AO
CENTRO
DA TERRA
MELHORAMENTOS

Viagem ao Centro da Terra

Verne, Júlio
9788506061695
128 páginas

Compre agora e leia

Edição traduzida e condensada por Maria Alice de A. Sampaio Doria. Para o excêntrico professor Otto Lidenbrock, encontrar um manuscrito antigo dentro de um livro raro não é simples acaso. É um desafio. Principalmente quando descobre que esse manuscrito é, na verdade, um roteiro escrito por Arne Saknussemm, célebre cientista islandês do século XVI, para uma das mais insólitas aventuras: uma viagem ao centro da Terra. Na companhia do seu inteligente sobrinho Axel e de Hans, o corajoso guia, Lidenbrock parte em busca dos segredos das profundezas do planeta, onde nossos aventureiros deparam com rios de lava e criaturas pré-históricas, entre outras surpresas dessa fantástica jornada. Júlio Verne, que já nos levou à Lua, ao fundo do mar e ao redor do mundo, nos conduz agora numa fascinante viagem, aonde certamente nenhum homem jamais conseguiu chegar: o centro da Terra.

Compre agora e leia

O PEQUENO LIVRO DE

HAI-KAIS DO MENINO MALUQUINHO

Ziraldo



O Pequeno Livro de Hai-kais do Menino Maluquinho

Ziraldo
9788506069462
28 páginas

Compre agora e leia

"O Pequeno Livro de Hai-kais do Menino Maluquinho" é uma singela amostra gratuita dos poemas que compõe o livro "Os Hai-kais do Menino Maluquinho". O hai-kai é uma pequena composição poética de origem japonesa, constituída de três versos com cinco, sete e cinco sílabas, tendo como tema as variações da natureza e a sua influência na alma do poeta. O poeta Ziraldo canta em hai-kais as observações do seu mais famoso personagem, o Menino Maluquinho, sobre a natureza, as relações com a família, com os amigos e consigo mesmo. As ilustrações completam a graça e a poesia da obra, que propõe ao leitor que também faça sua reflexão sobre os temas.

Compre agora e leia


JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS
O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
MELHORAMENTOS

O Meu Pé de Laranja Lima – 50 Anos

de Vasconcelos, José Mauro
9788506082096
232 páginas

Compre agora e leia

✶ Mais de 2 MILHÕES de exemplares vendidos ✶ ✶ Mais de 150 EDIÇÕES no Brasil ✶ ✶ Traduzido em 15 IDIOMAS ✶ ✶ Publicado em 23 PAÍSES ✶ Nova edição com suplemento de leitura e notas explicativas de Luiz Antonio Aguiar. Um clássico da literatura brasileira, com adaptações para a televisão, o cinema e o teatro, O Meu Pé de Laranja Lima é desses livros que marcam época. Lançado em 1968, trata-se de uma história fortemente autobiográfica, que demonstra a mão de um escritor experiente, ciente do efeito que pode provocar nos leitores com suas cenas e a composição de seus personagens. O protagonista Zezé tem 6 anos e mora num bairro modesto, na zona norte do Rio de Janeiro. O pai está desempregado, e a família passa por dificuldades. O menino vive aprontando, sem jamais se conformar com as limitações que o mundo lhe impõe – viaja com sua imaginação, brinca, explora, descobre, responde aos adultos, mete-se em confusões, causa pequenos desastres. As surras que lhe aplicam seu pai e sua irmã mais velha são seu suplício, a ponto de fazê-lo querer desistir da vida. No entanto, o apego ao mundo que criou felizmente sempre fala mais alto. Só não há remédio para a dor, para a perda. E Zezé muito cedo descobrirá isso. A alegria e a tristeza não poderiam

estar mais bem combinadas do que nestas páginas. E isso, se não explica, justifica a imensa popularidade alcançada pelo livro. José Mauro de Vasconcelos

Compre agora e leia


Karen Levine
MAIS DE
1.500.000
EXEMPLARES
VENDIDOS!
FNLIJ
A mala
de Hana
uma história real
MELHORAMENTOS

A mala de Hana

Levine, Karen
9788506007563
112 páginas

Compre agora e leia

"A Mala de Hana" é um retrato singelo, mas mostra como era cruel a vida das crianças submetidas ao Holocausto. A história se desenrola em três continentes durante um período de quase setenta anos. Envolve a experiência da garotinha Hana e de sua família na Tchecoslováquia (atual República Tcheca), nas décadas de 1930 e 1940, uma jovem e um grupo de crianças em Tóquio, no Japão, e um homem em Toronto, no Canadá, nos dias de hoje. Um relato que vai sensibilizar a todos para que horrores semelhantes aos que atingiram Hana e outros inocentes nunca voltem a acontecer.

Compre agora e leia


Ziraldo
O MENINO MALUQUINHO
MELHORAMENTOS

O Menino Maluquinho

Ziraldo
9788506074237
112 páginas

Compre agora e leia

Na grande obra infantil de Ziraldo, verso e desenho contam a história de um menino traquinas que aprontava muita confusão. Alegria da casa, liderava a garotada, era sabido e um amigão. Fazia versinhos, canções, inventava brincadeiras. Tirava dez em todas as matérias, mas era zero em comportamento. Menino maluquinho, diziam. Mas na verdade ele era um menino feliz.

Compre agora e leia